

TOLERÂNCIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MURILO ALVES DOS SANTOS

GUSTAVO BAPTISTELLA LEITE DA SILVA

TOLERÂNCIA

Projeto apresentado pelos alunos Gustavo Baptistella Leite da Silva e Murilo Alves dos Santos, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo, sob orientação do Prof^o Dr^o João Baptista Winck.

**BAURU
2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ORIENTAÇÃO

- Profº Drº João Baptista Winck.

Doutorado em Comunicação e Semiótica.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.

Docente na disciplina de Roteiros para TV e Adaptações Literárias no
Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP Bauru, Brasil.

BANCA EXAMINADORA

- Antonio Francisco Maia de Oliveira

Mestrado em Ciência da Informação.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas, Brasil.

- Marcos Américo

Doutorado em andamento em Educação para a Ciência.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP Bauru,
Brasil.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

TOLERÂNCIA

Projeto apresentado pelos alunos Gustavo Baptistella Leite da Silva e Murilo Alves dos Santos, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo, sob orientação do Profº Drº João Baptista Winck.

Banca Examinadora:

Profº Drº João Batista Winck

Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo.

Docente do Departamento de Comunicação Social da FAAC da Unesp - Bauru

Antonio Francisco Maia de Oliveira

Mestrado em Ciência da Informação pela PUC Campinas.

Marcos Américo

Doutorado em andamento em Educação Para a Ciência pela UNESP Bauru.

Bauru, __/__/2009

AGRADECIMENTOS

O longo caminho que trilhamos para chegar até aqui é marcado por muitas recordações. Essas envolveram pessoas que, em sua maioria, sempre nos apoiaram, e são para elas que vão nossos sinceros agradecimentos.

Sem sombra de dúvidas, o agradecimento mais importante é destinado aos nossos pais. Pessoas que sempre acreditaram em nossas ambições, e fizeram de tudo para nos proporcionar os melhores anos de nossas vidas. Por estas e muitas outras, obrigado Dona Dalva e Seu Toninho, Dona Creusa e Seu Zé Antonio.

A faculdade nos deu a oportunidade de conhecer amigos que certamente nunca serão esquecidos. Parceiros que estiveram com a gente em todos os momentos inimagináveis. Foram eles que tornaram nossos dias durante estes quatro anos mais divertidos. Sem mais, agradecemos a “Turma dos Bredas”, a família das repúblicas “Repsicose”, “Rep. de Base”, “Sucexo”, “João e Maria”, “SóKπKnelas” e “Green House”. Não menos importantes, agradecemos àqueles que mesmo de longe mantinham um estreito laço de amizade, obrigado “Família Kana”, turma do “3-5-2 Ofensivo” e “Os Amarelo”.

Agradecemos também aos nossos Docentes, verdadeiros mestres, que foram responsáveis por nossa formação. Em especial ao Prof^o Dr^o João Baptista Winck que nos orientou neste árduo trabalho.

Por fim, obrigado a todos que fizeram parte desta nossa história.

RESUMO

O roteiro do curta-metragem “Tolerância” é um projeto cujo objetivo é gerar discussão a respeito da intolerância que recai sobre as culturas das minorias na sociedade contemporânea. Mesmo preservando sua brasilidade, por meio da direção de arte, ele poderá atravessar fronteiras, visto que não possui diálogos e aborda realidades atuais que perpassam diversas culturas, mesmo as mais liberais e democráticas. Este projeto consegue atingir o interesse de diversos públicos, tornando-o uma excelente ferramenta geradora de discussão e debate, em todos os níveis sociais e educacionais.

Palavras-Chave: Tolerância, Cultura, Diversidade Cultural e Identidade.

ABSTRACT

The screenplay for the short film "Tolerance" is a project whose goal is to generate discussion about intolerance, which falls on the minority cultures in contemporary society. Even preserving their Brazilianness, through the art direction, it can cross borders as it does not have dialogues, and addresses current realities that underlie different cultures, even the most liberal and democratic. This project can achieve the interests of various groups, making it an excellent tool for generating discussion and debate in all social and educational levels.

Keywords: Tolerance, Culture, Cultural Diversity and Identity.

SUMÁRIO

1	Relatório de Pré-Produção – Execução	09
2	Introdução	11
3	Cultura	12
4	Diversidade Cultural	14
4.1	Hierarquização Cultural	15
4.2	Globalização e Hibridismo Cultural	16
5	Identidade	19
6	Cultura e Comunicação Social de massa	22
7	Cultura no curta-metragem “Tolerância”	24
8	Homossexualidade	25
8.1	Homossexualidade na Televisão Brasileira	26
8.2	Homossexualidade no curta-metragem “Tolerância”	28
9	Velório – Tradição em torno da morte	30
9.1	Morte na Televisão Brasileira	32
9.2	Tradição em torno da morte em “Tolerância”	34
10	Religião	36
10.1	Religião na Televisão Brasileira	36
10.2	Religião no curta-metragem “Tolerância”	38
11	Moradores de rua	40
11.1	Moradores de rua na Televisão Brasileira	41
11.2	Moradores de rua no curta-metragem “Tolerância”	43
12	Relatório de Roteiro	44
13	Relatório de Direção de Arte	46
13.1	Figurino	49
13.2	Cenografia	53
14	Relatório de Direção de Fotografia	62
15	Roteiro	68
16	Roteiro Decupado	76
17	Story Board	90
18	Justificativa	129
	Bibliografia	130
	Webgrafia	131
	Anexo	133

1. Relatório de Pré-produção - Execução

Desde o começo do projeto tínhamos em mente a produção audiovisual. No começo do ano de 2009 começamos então a desenvolver o projeto. Depois de diversos brainstorms chegamos à conclusão de que gostaríamos de elaborar um trabalho que abordasse a temática diversidade cultural. Esta idéia surgiu quando em uma aula ministrada pela Prof.^a Dr.^a Letícia Passos Affini, ao comentar sobre a nossa incomum tradição de servir aperitivos durante cerimônias de luto, uma aluna fez o seguinte comentário:

- Credo, eu acho isso ridículo! E a docente respondeu a ela:
- É somente um costume diferente dos nossos!

A partir de então começou a nos chamar a atenção o modo como as pessoas reagiam diante do que fosse incomum a sua cultura. Decidimos então trabalhar este tema.

A criação do roteiro passou por várias etapas. Assim que achamos que tínhamos em mãos algo que poderia render um bom trabalho, elaboramos um projeto para captação de recursos privados. Infelizmente os editais que caberiam ao nosso tema já estavam encerrados logo no primeiro trimestre do ano. Sem condições de gastar dinheiro próprio, contatamos diversas produtoras, com a proposta de financiar o trabalho em conjunto (parte ela, parte prováveis patrocinadores). Obtivemos uma boa aceitação do roteiro, sobre tudo, de algumas produtoras da capital, que gostaram do conceito do curta-metragem.

Infelizmente não conseguimos apoio, principalmente pelo fato de estudarmos em Bauru, o que dificultaria deslocamentos, fazendo algumas produtoras não acreditar na possibilidade de carregarmos o projeto até o fim.

Sem o apoio de produtoras para a concretização do produto final e somente com os equipamentos disponíveis na Universidade sabíamos que não conseguiríamos dar o tratamento desejado para o curta. Decidimos, então, que o nosso produto final seria o projeto de um curta-metragem, destinado principalmente aos editais do governo para o ano de 2010.

Acreditamos que o assunto tratado pelo projeto, sua forma narrativa, estética e técnica são atrativos fortes, e que possibilitam um interesse por parte do Ministério da Cultura.

Desde quando a idéia central foi fechada, decidimos somente produzir se tivéssemos a qualidade que imaginávamos. Sem condições financeiras para isto e sem o fornecimento da estrutura técnica necessária de equipamentos por parte da faculdade, optamos por este projeto. Acreditamos que o nosso projeto, que já está no nono tratamento, ainda pode sofrer várias alterações de forma a melhorá-lo, tendo em vista o produto com o qual sonhamos realizar.

Em anexo disponibilizamos um orçamento feito para nosso curta-metragem por uma grande produtora de São Paulo.

2. Introdução

Baseado na leitura de livros, artigos, matérias jornalísticas, entre outras fontes, o presente projeto de vídeo apresenta uma breve leitura sobre alguns termos que fazem referência ao roteiro do curta-metragem “Tolerância”. Abordamos sucintamente temas como: Cultura, Diversidade Cultural, Identidade e a relação entre os meios de comunicação social e a Cultura.

Desta forma, apoiado em um contexto teórico, o roteiro pode ser construído. Nele, expomos dentro da narrativa, a homossexualidade, a tradição religiosa, a cultura popular (velório) e a questão da desigualdade socioeconômica vivida por alguns setores da sociedade. As situações que envolvem esses assuntos são, em sua maioria, de intolerância para com essas minorias culturais ao tentarem afirmar suas identidades.

Visando a produção deste roteiro, outros elementos importantes compõem esta obra, como: relatórios de direção de arte e fotografia, orçamento, mapas de luz, story-board, ilustrações de cenário e exemplos de figurino.

O principal objetivo deste trabalho, após sua possível produção, é fomentar a sua exibição orientada para públicos específicos, grupos de discussão e outros interessados na discussão sobre os temas abordados, de forma que se possa promover uma aproximação aos hábitos destas minorias e, a partir da audição, resultar maior tolerância.

3. Cultura

A definição para o significado de cultura, ainda hoje, suscita muita controvérsia entre antropólogos, cientistas sociais e estudiosos do tema. Ainda não se alcançou consenso, principalmente, devido a tantas correntes que estudam as complexidades que envolvem a formação e a manutenção de uma dada cultura. Será adotada, neste trabalho, a definição dada pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), “cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Em outras palavras cultura é aquilo que é produzido pelo homem e não pela natureza. A partir desta lógica ela é considerada o que distingue os homens dos outros animais, pois, por mais perfeita que seja a casa do pássaro joão-de-barro, pouco significa comparada com a realização de qualquer arquitetura humana, por mais simples que seja. Isso se dá devido à inconsciência que domina o comportamento animal. Junto com sua comunicação oral e escrita, permite classificar o homem como o único ser possuidor de cultura.

Antigamente, alguns estudos culturais trabalhavam as idéias do determinismo biológico e geográfico, isto é, as diferenças genéticas e as diferenças do ambiente físico determinavam a diversidade cultural. Mas, há muito tempo, os antropólogos já estavam totalmente convencidos de que estes estudos não possuíam embasamento. Para contestar esses determinismos, podemos citar dois exemplos simples que romperiam com suas afirmações: se introduzirmos uma criança filha de pais brasileiros na Itália para ser criada por pais adotivos italianos, este criança ao crescer, falará italiano naturalmente sem nenhum sotaque que remeta ao país de origem, seu estilo de vida será aquele que levam as pessoas com as quais convive; ao estudar dois grupos indígenas localizados na mesma esfera geográfica, onde os ambientes são muito semelhantes, encontra-se uma vasta diversidade cultural entre esses povos.

Duas pessoas agem diferentemente não apenas em razão de seus hormônios ou de sua localização, mas sim em decorrência de uma complexa educação. Essa educação consiste na soma total de informações adquiridas e

estruturadas em conceitos e atitudes emocionais condicionadas, que resultam padrões de comportamento habitual, adquiridos pela instrução ou pela cópia.

A cultura tem como principais características o fato de ser simbólica (transmite mensagem por meio de símbolos), social (faz necessários emissor e receptor), dinâmica (sempre em transformação), estável (remete a tradições), seletiva (seleciona valores), universal (não existe ser humano desprovido de cultura), regional (tradições locais), determinante (determina o comportamento humano), determinada (situação faz a cultura).

O termo “cultura” pode assumir variadas acepções, cuja apresentação se faz importante para uma melhor compreensão de seu conceito:

Cultura subjetiva e cultura objetiva – A primeira é o conjunto de potencialidades, conhecimentos, qualidades e valores que há em cada ser humano. A última refere-se ao que é exteriorizado. O comportamento humano se dá pela relação entre as duas.

Cultura material e cultura não-material – Aquela diz respeito ao que resulta da habilidade de manipular e construir. Esta trata das ações, crenças e aptidões.

Cultura real e cultura ideal – A real trata do que, de fato, fazem as pessoas em seus cotidianos. Enquanto que a ideal abrange o imaginário acerca do que deveria ser feito.

O desenvolvimento do homem é marcado por aproximação e choque entre os diferentes meios de estruturar a sociedade. As organizações sociais e as características que as unem e as diferenciam são complexas, gerando muitas vezes, devido à ampla diversidade cultural, uma comparação entre as culturas.

4. Diversidade Cultural

Considera-se o termo cultura como não sendo algo hereditário que se transfere de forma imutável. Ao contrário, relações que se estruturam entre si e a convivência dos grupos sociais. Para estudar a diversidade cultural temos que entender as possíveis transformações e conflitos gerados por esses contatos.

Quando existe a aproximação entre duas culturas, acontece um jogo de distinção que deixa transparecer as diferenças existentes entre ambas. O grupo de cada cultura, em determinada situação, defenderá seus costumes, hábitos, tradições fazendo esforços para persuadir o outro e a si mesmo, que estes são originais e lhe pertencem. E essa situação pode levar um conjunto de praxes a ser mais valorizado que outro.

A cultura não existe independentemente uma das outras, sem contato uma com as outras. No entanto o trabalho de pesquisadores e antropólogos consiste em estudar cada cultura sem julgamento de valor, estudo também conhecido como relativismo cultural.

A ideologia político-social do relativismo cultural foi trabalhada pelo antropólogo alemão Frans Boas (1858 – 1942). Ela postula que uma cultura deve ser abordada sem a priori, sem interpretá-la e compará-la prematuramente com outras culturas. O observador deve levar em conta a complexidade que envolve cada contexto cultural. Somente através de um estudo metódico deste contexto cultural em si mesmo, poderá entender a fundo tal complexidade, tendo em vista que cada cultura forma um todo coerente e funcional. Deste modo seria possível fugir de qualquer forma de etnocentrismo.

O conceito de etnocentrismo foi criado pelo sociólogo americano Willian G. Summer que o utilizou pela primeira vez em seu livro “Folkways” em 1906. Consiste na visão em que nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele. Cada grupo pensa que seus próprios costumes são os únicos válidos e, se observar que outros grupos têm outros costumes, encara-os com desdém.

O etnocentrismo pode ser sutil e racional, mas pode também levar a atitudes extremas de intolerância cultural, religiosa e até política. Em ruptura a

esta concepção é que se apresenta a questão do relativismo das culturas e de sua, em primeira análise, impossível hierarquização.

Deve-se tomar cuidado com a questão do relativismo, pois sendo ele levado ao extremo pode ser considerado precipitado. Convém observar, que tudo pode ser aceito, mesmo que contradiga nossos próprios códigos morais, ou seja, tudo aquilo que nós acreditamos e nos baseamos deve ser esquecido. A melhor interpretação do relativismo seria em torno do princípio ético que corrobora a dignidade de cada sistema cultural e enobrece o respeito e a tolerância em relação às culturas diferentes.

Essa suposta relatividade dos critérios culturais deixa de ser funcional quando lidamos com o desenvolvimento da história humana, pois é evidente que tais realidades se relacionem acabando por gerar uma suposta hierarquização.

4.1 Hierarquização Cultural

A hierarquização cultural de fato existe, e se tomarmos por base as afirmações dos sociólogos Max Weber (1864 – 1920) e Karl Marx (1818 – 1883) no sentido de que a classe social dominante representa a cultura dominante, não estaríamos equivocados. Evidentemente, corroborando com este pensamento não estaríamos afirmando que estas seriam superiores as dominadas. Simplesmente é uma lógica que reflete as situações sociais que existem entre grupos detentores de influência e aqueles que ficam subordinados a eles. Cultura dominante pode ser traduzida também como cultura da elite, enquanto que a cultura dominada poder ser entendida como a cultura popular.

Em nenhum momento conclui-se que uma cultura dominada é totalmente dependente, mas em seu desenvolvimento não pode descartar as influências da cultura dominante. A recíproca também é verdadeira, porém pode acontecer em graus distintos de interdependência. Mas sofrer tal dominação, não representa aceitá-la. As classes subalternas podem resistir em maior ou menor escala à obrigação da cultura dominante. Nessa realidade podemos também classificá-la como cultura de resistência.

Dentro dos estudos das ciências sociais, dois segmentos não devem ser evidenciados, são eles: minimalista, ou seja, a autenticidade das culturas

dominadas não é reconhecida, não possuem originalidade, sendo apenas procedentes da cultura dominante; maximalista, isto é, a cultura popular seria igual ou ainda superior à cultura da elite, totalmente autônoma e independente.

Qualquer que seja a cultura abordada, deve-se sempre ter a noção de que ela reúne características originais e externas, ela não é homogênea, mas nem por isso deixa de ser coerente. Assim sendo, pode-se classificar tanto a cultura dominada como a cultura dominante como duas culturas inteiras, ainda que interdependentes baseadas em princípios e práticas singulares que dão razão à sua existência.

A partir deste pensamento, Lévi-Strauss (1908 – 2009), antropólogo social mais influente da segunda metade do século XX, desenvolveu a metáfora da bricolagem, que mais tarde foi estendida para outros níveis de criação, por estudiosos como, Michael de Certeau (1925 - 1986). Tal teoria postula que a criação consiste em um novo rearranjo de elementos já conhecidos, que formarão uma estrutura autêntica. Estes materiais sofrem assim, uma re-significação, e passam a simbolizar algo diferente do que simbolizava anteriormente. Sendo assim, a teoria é utilizada para qualificar a criatividade própria das culturas dominadas, das culturas imigradas, e também abrangendo os sincretismos existentes no terceiro mundo e nas sociedades ocidentais. Esta metáfora pode ser entendida também como um hibridismo cultural, que tem se destacado devido ao fenômeno da mundialização dos meios de Comunicação Social e a globalização da economia.

4.2 Globalização e Hibridismo Cultural

É comum ouvirmos que o processo de globalização leva a sociedade a ver o mundo como um só lugar, sugerindo uma unificação das diversidades culturais. No entanto, o contato entre culturas locais e a cultura global homogenia vem influenciando os padrões de comportamento e pode levar também a um hibridismo cultural. Esse é o caso da língua espanhola falada nas periferias das cidades americanas, onde se pode observar uma mescla dos idiomas, resultando um dialeto batizado de “spanglish”.

O hibridismo cultural insere-se no contexto dos choques culturais, e consegue mais espaço quando se associa à globalização, isto é, quando a propagação de conceitos e de produtos culturais chega a um nível de destaque. Nesse contato deve-se considerar que a cultura passa por transformações, isto é, ela é alterada, por acréscimos e exclusões, devido a inovações e novidades.

A globalização define-se com sendo um processo econômico e social, integrando pessoas dos mais diversos lugares do mundo. Deste modo as características culturais de cada sociedade podem ser exploradas por praticamente todos. Por que “praticamente” todos?

Infelizmente vivemos em um mundo onde a política econômica se faz mais importante em relação a qualquer outro nível de interação humana. Desse modo, culturas particulares, populares, tradicionais, entre outras, são apresentadas ao mundo pelos diversos meios de comunicação, decorrentes da globalização. Mas, levando-se em conta a dominação cultural exercida pelos Estados Unidos e pela União Européia é natural que os valores difundidos por essas culturas acabem por interferir na análise das organizações sociais subalternas. Por mais que as culturas de países ditos subdesenvolvidos e do terceiro mundo possam ser conhecidas, estudadas e trabalhadas por aqueles que detêm a tecnologia necessária para tal, são as tradições e costumes dos países desenvolvidos, principalmente os Ocidentais, que propagam e modificam comportamentos. Para HALL (2003, p. 60):

Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das 'diferenças'. O eixo 'vertical' do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças 'locais', as quais o 'global-vertical' é obrigado a considerar.

A globalização aparece com evidência quando se trata da adoção de novas tecnologias, o que não significa necessariamente a exclusão de técnicas mais rudimentares. Para a aquisição de uma tecnologia avançada se faz necessário o conhecimento intelectual indispensável para operar tais maquinários, e condições de poder aquisitivo para apropriá-las. Assim, sobrevivem os métodos obsoletos, mas ainda eficientes, junto às técnicas

avançadíssimas. Esse quadro deixa claras as diferenças sociais existentes no interior de uma estrutura cultural complexa.

O hibridismo cultural é a afirmação de que a cultura é dinâmica. Apesar de poder ser uma transformação lenta, o contato cultural implica em alguma modificação, pois os sujeitos sociais, acima de tudo, são capazes de se indagar a respeito de seus hábitos e suas atitudes, podendo assim alterá-los. Vale lembrar que sua alteração nunca parte do estático para o dinâmico. Ela está em constante transformação, resultado da fluidez do seu sistema cultural. O contato de uma ou mais culturas externas, embora influencie mudanças, pode, mesmo assim, manter culturas distintas em essência, por mais mudanças que possam sofrer e por mais sincréticas que possam resultar tais alterações. Para BURKE (2003, p.31):

Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura quer reforcem os antigos elementos, como no caso da visita de Gilberto Gil a Lagos para dar a sua música um sabor mais africano.

Caso a transformação adquira um ritmo mais brusco, essas transformações podem gerar traumas, como foi o caso da ocupação pelos portugueses das terras brasileiras e sua imposição cultural sobre as culturas nativas que aqui coexistiam.

Os processos de mundialização da cultura hegemônica diminuem as diferenças cada vez mais, facilitando as relações internacionais. Entretanto, tal fenômeno implica numa progressiva perda de identidade individual e coletiva, alterando sobremaneira os limites do próprio conceito.

5. Identidade

O conceito de identidade é habitualmente relacionado ao conceito de cultura. A identidade social de um ser humano é marcada pela relação entre ele e o ambiente em onde se situa. Seu elo com a estrutura sócio-cultural pode estar ligado desde a um segmento sexual, de idade, de classe social, até uma nação, entre outras formas de segmentação. Desse modo, este indivíduo pode se situar socialmente.

A consciência de identidade no sujeito é formada ao mesmo tempo por inclusão e exclusão. Para se inserir dentro de um grupo, precisa identificar-se com o mesmo, enquanto que para se distinguir de outros, é necessário diferenciar-se. Então a identidade cultural pode ser baseada na diferença cultural, apoiada na distinção nós/eles.

O fator chave que discerne os conceitos de cultura e identidade é que, aquele está ligado a processos inconscientes, enquanto que este trata de processos conscientes.

Ao analisar duas das concepções acerca da identidade cultural, a objetivista e a subjetivista, não podemos entendê-las separadamente, pois surgirá um impasse sobre a definição de identidade. A concepção objetivista refere-se às propriedades que são transmitidas por um grupo sem a referência de outros, assim sendo, ela é automática. Enquanto que a visão subjetivista aborda o caráter variável da identidade. Deste modo, para uma melhor interpretação do termo identidade, deve-se fundir as duas idéias num contexto relacional ou situacional. Pois dependendo da situação em que se encontra ou da relação que este grupo tem com os outros, o indivíduo se identificará.

A partir da questão de dominação de uma sociedade sobre a outra, dois tipos de identidade são associadas ao indivíduo, a auto-identidade (declarada por si mesmo) e a exo-identidade (declarada pelos outros), esta última pode agir depreciativamente a grupos minoritários. Logo, a questão da identidade é vinculada às lutas sociais. Como exemplos, podemos citar o movimento feminista, o movimento dos trabalhadores, o movimento negro, o movimento homossexual. A sensação coletiva de desigualdade leva aos membros de uma

mesma minoria um forte sentimento de unificação a coletividade. Uma nota de BOURDIEU (1980, p.69) exemplifica bem o assunto:

“[...] os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles fazem de si mesmos, tudo que constitui como “nós” em oposição a “eles” e aos “outro” e tudo ao que eles tem de apreço e uma adesão quase corporal. O que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca a identidade”

Classificar a identidade como sendo unidimensional é um erro. Pois todo grupo social é considerado heterogêneo.

O individuo pode possuir uma personalidade dinâmica construindo e se reconstruindo constantemente na esfera dos relacionamentos sociais, identidade e alteridade estão unidas por um envolvimento de argumentação uma com a outra. Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades, são pois identificações em curso (Professor Boaventura de Sousa Santos, doutor em Sociologia do Direito pela Universidade Yale e professor titular da Universidade de Coimbra).

A identidade do individuo que tem contato com diversas culturas acaba sendo sincrética, ou seja, o produto original é uma síntese desses diferentes contatos. Este caráter multidimensional que envolve sua identificação não o faz perder sua unidade. Nas palavras de HALL (2005, p.13)

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente

Uma organização social pode cumprir sua função mesmo que diante de certa pluralidade cultural, o que geralmente marca os conflitos que acontecem, é a vontade de se auto-afirmar com o uso de alguns traços culturais que especificaria sua identidade.

A construção da identidade, durante muito tempo, se apoiou em fontes de informação como livros, museus, rituais cívicos e discursos políticos. Porém, com o advento da comunicação de massa, a partir da primeira metade do século XX, sustentado pelo cinema, rádio e televisão, a identidade passou a ser organizada também com o auxílio desses meios.

6. Cultura e Meios de Comunicação Social

Em toda a história existe uma relação entre cultura e comunicação. Desse modo, desde o surgimento dos primeiros meios de comunicação de massa vivencia-se uma estreita ligação destes com a cultura.

Mesmo com a existência de outros elementos intermediadores que transmitem cultura, como a família, religião, educação, entre outros, a capacidade que os meios de comunicação social têm em atingir uma grande massa popular é indiscutível.

É através deles, que nos informamos dos fatos que ocorrem pelo mundo, e conhecemos as particularidades de cada sociedade. Também é por meio de veículos de informação que podemos tirar proveito das culturas alheias, independentemente de quanto nos identificamos com ela. Igualmente, é através dos meios de comunicação social que nos apresentamos culturalmente para o mundo, mesmo que esta identificação e apresentação sejam de certa forma, controladas pelas classes dominantes, dentro do contexto da cultura de massa.

Cultura de massa está diretamente relacionado ao conceito de “indústria cultural”. Este termo, cunhado pelos sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), membros da Escola de Frankfurt, faz referência à conversão da cultura em mercadoria. O estudo refere-se ao uso das ferramentas tecnológicas por parte da classe dominante para estender a produção cultural e intelectual ao consumo mercadológico.

Os meios de comunicação têm o poder de penetrar no contexto da vida social, no meio urbano e rural e em todos os níveis de uma organização sócio-cultural, alterando o modo de pensar, a maneira de falar, o estilo de se vestir, o modo de se comportar, entre outros aspectos. Entretanto, eles não podem ser considerados capazes de realizar uma massificação tão permanente a ponto de fazer a audiência desacreditar das relações sociais que envolvem suas vidas. Por mais que aja uma uniformização da mensagem, não se pode considerar que o mesmo acontecerá nas formas de recepção da mesma.

O que, de fato, pode ser empregado como efeito da comunicação de massa por meio das telenovelas, filmes, seriados, telejornais, entre outros, são os modismos temporários. Sua capacidade de homogeneização de informação,

padronização de formas e controle de conteúdo, que geralmente estão ligadas às classes dominantes, conseguem promover um amaciamento dos conflitos sociais existentes na sociedade, e unificam os padrões mercadológicos e os padrões de consumo. Segundo SANTOS (2001, p.53):

“Acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, idéias e informação originou convergências, isomorfismos e hibridações entre as diferentes culturas nacionais, sejam elas de estilos arquitectónicos, moda, hábitos alimentares ou consumo cultural de massas.”

Dentro do contexto da homogeneização da cultura pela indústria cultural, o cinema também passou por transformações. Para que fosse inserido em um mercado de âmbito mundial, o termo “cinema mundo” foi desenvolvido. Nesta abordagem, construía-se narrativas impressionantes que poderiam ser acompanhadas por pessoas de qualquer nível cultural, social, econômico, independente de seu regime político.

Apesar de toda essa movimentação, as culturas regionais se mantiveram vivas, e muitos países europeus, asiáticos, latino-americanos ou árabes, apresentavam filmes sobre suas realidades político-sociais, e também suas paisagens paradisíacas, revelando, assim, sua identidade e história. Com o tempo, os comunicadores passaram a entender o universal e o local complementando um ao outro.

A cultura de massa, por meio da diversidade artística dos meios de comunicação, colabora para a reestruturação das identidades. Esta reconstrução, dinamizada pelo processo multicontextual, dentro do sistema de globalização, pode também manter as identidades nacionais e locais, o que só poderá acontecer se os sistemas de comunicação em geral inserirem-se na esfera audiovisual multimidiática, ou seja, em uma mescla do cinema, à televisão, ao vídeo, aos “games” e à internet.

7. Cultura no curta-metragem “Tolerância”

Segundo LARAIA (1986, p 95): “[...] os homens, o contrário das formigas, têm a capacidade de questionar seus próprios hábitos e modificá-los.”

Como o próprio título sugere “Tolerância” faz referência à inclinação em admitir, nos outros, seus modos de pensar, de agir e de sentir como diferentes dos nossos, sem, contudo, nos sentirmos agredidos por isso. Infelizmente, vivemos em um mundo onde a intolerância se faz mais presente.

Foi através de inúmeras gerações de condicionamento que tendemos reagir depreciativamente em relação ao comportamento fora de nossos padrões de cultura. E em um país como o nosso, onde há uma grande diversidade cultural interna, as formas de preconceito e discriminação se evidenciam das mais variadas maneiras.

O Brasil, ainda hoje, apesar de sua ampla variedade cultural, é considerado um país conservador. Por ser em grande parte conservadora, a cultura faz com que sua modificação, reestruturação, reconstrução seja dificilmente aceita pela sociedade.

“Tolerância” é um curta-metragem sobre a diversidade cultural, que defende a idéia de que mesmo como espécie única, os seres humanos são indivíduos essencialmente diferentes entre si. Usa o cenário brasileiro como pano de fundo para identificar-se com o público. Durante o filme, há a apresentação de algumas minorias culturais, não menos importantes, dentro de nossa sociedade, e os conflitos que a relação delas com as culturas dominantes geram. Também é exposta uma situação cotidiana das ruas do país (um garoto morador de rua), com a qual aparentemente já se acostumou, transformando-a em uma paisagem urbana, como se fizesse parte de sua própria “cultura”.

A pretensão do curta-metragem “Tolerância” está na possibilidade de redefinir, acrescentando a virtude da tolerância à identidade de cada pessoa, através da discussão entre seus espectadores. Deste modo, o comportamento social dos outros povos poderá ser visto sem o uso de uma lente “recrematória”.

8. Homossexualidade

Brasil considerado o país mais homofóbico do mundo.

Pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia, entidade mais antiga de defesa dos direitos dos homossexuais no país, mostra que o número de assassinatos de homossexuais cresceu 55% no País entre 2007 e 2008, quando foram identificados 190 casos, média de mais de um a cada dois dias. Doze deles no Rio. Presidente do Grupo Conexão G, Gilmar Santos alerta que este número pode ser ainda maior. Os países que seguem o Brasil nessa tabela são o México, que registrou 35 casos ano passado, e Estados Unidos, com 25. Números muito menores que os do Brasil. (MELO, Cami. Brasil considerado o país mais homofóbico do mundo. 10 set 2009. Disponível em: <<http://paradalesbica.com.br/2009/09/brasil-considerado-o-pais-mais-homofobico-do-mundo/>> Acesso em: 05 out 2009)

Uma notícia desta em um dos países que possui uma das maiores diversidades culturais é de fazer refletir sobre até que ponto nossas atitudes geram um conflito interno preocupante.

Não há dúvidas quanto à existência da homossexualidade desde tempos passados. Entre muitas culturas nativas a figura do homossexual é plenamente aceita como natural. Entretanto, a cultura dominante marginaliza essa população, submetendo-a a diversos tipos de julgamentos, dentre eles a discriminação mental, ou seja, chegaram a ser tratados como possuidores de doenças, penas de morte, violência de Estado, entre outros.

Apesar de uma mudança considerável nos quadros que se referem às liberdades de expressão por orientação sexual em muitos países, como por exemplo, as conquistas com relação à união estável de casais homossexuais, adoção de crianças pelos mesmos, e, relativas a heranças destes relacionamentos, vimos que ainda há um entrave muito forte para que os demais países aceitem tais conquistas democráticas. Estudos indicam que saltou de 17 países, que adotaram alguns destes procedimentos, para 55. Lógico que esta notícia é sinal de uma evolução gradativamente lenta, mas que felizmente acontece. Mas é angustiante saber que em aproximadamente 72 países ainda a questão do homossexual é tratada como crime, com penas de chibatadas, por exemplo. Países como a Arábia Saudita, Sudão, Mauritânia, Irã e

lêmen a pena é de morte, segundo a ILGA (Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais).

No ano de 2009 para apimentar as discussões sobre o assunto foi eleito como presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, o líbio Ali Abdussalam Treki, que é muçulmano, e esta religião é uma das mais preconceituosas em relação ao homossexual. “Esse é um assunto muito delicado. Como muçulmano, não sou a favor [da descriminalização dos gays]. É algo que a maioria dos países não aceita. Alguns países permitem [a união entre pessoas do mesmo sexo], achando que isso é uma coisa democrática. Eu acho que não é” – disse Ali A. Treki em entrevista a R7.

A dificuldade em trabalhar este assunto é sua extensão cultural, social, político-governamental e religiosa, pois estas são as bases de qualquer sociedade. Em alguns casos o tema é um obstáculo tornando o problema insolúvel.

A Assembléia Geral das Nações Unidas já tentou colocar em votação que a descriminalização por orientação sexual não tivesse intervenção por políticas governamentais, mas foi barrada em sessão, pois recebeu apenas um terço do apoio dos países.

No Brasil a lei 122/2006, conhecida como Lei da Homofobia, voltou em 2009 à Câmara dos Deputados após ser corrigida e estar parada desde 2006. Sua principal mudança foi a adequação da punição do crime homofóbico igual ao de racismo, além de inserir a questão geracional (pessoas idosas) e a questão das pessoas com deficiência. Deste modo a lei se torna de fato contra a discriminação.

8.1 Homossexualidade na Televisão Brasileira

Quando este polêmico assunto é tratado pelos meios de comunicação de massa geralmente sofre com duas vertentes bastante oposta, e ambas podem ser analisadas por visões positivas e negativas.

A primeira delas é quando se trata da exposição do indivíduo homossexual através do estereótipo cômico, ou seja. seria aquele que possui características femininas aparentes, muitas vezes exageradas. Como exemplo

temos: o personagem de Jorge Lafon, interpretando Vera Verão, com o bordão: “Epa! Bicha não! Eu sou uma quase mulher!”, no programa humorístico “A Praça é Nossa”, e um caso mais recente foi do ator Thiago Mendonça, em seu papel de Bernardinho, da novela “Duas Caras”. No caso de Jorge Lafon, homossexual assumido, muitos movimentos homossexuais brasileiros tinham uma perspectiva negativa sobre sua atuação, classificando-o como um personagem ultra-afeminado, tirano e com atitudes de agressividade para com as mulheres. Na última situação, seguindo na contramão, uma receptividade muito positiva com o personagem de Thiago, sua trajetória na novela foi marcada por grandes atritos com atitudes preconceituosas em relação a sua opção sexual, se mantendo, na medida do possível, com uma postura educada e não-conflituosa.

A segunda vertente é em relação à apresentação do relacionamento homossexual dúbio e com pouca visibilidade, sem beijos e carícias. O posicionamento em relação a esta descrição pode ser entendido com o exemplo abaixo:

O ator Bruno Gagliasso viveu o papel de Júnior, na novela América, cuja personagem se manteve em dúvida e medo de revelar sua orientação sexual até praticamente o final da novela. Muita polêmica criou-se em torno da ficção, pois até um beijo foi gravado e não veiculado pela mídia responsável. Para este exemplo temos as seguintes críticas:

Para o autor esta é uma forma de suavizar um assunto que, infelizmente, ainda não é aceito por todos os segmentos da sociedade. Ele tenta, desta forma, aproximar simpaticamente os personagens com o público. Cenas de beijo e afeto corporal teriam uma desaprovação do público de massa.

Já para alguns movimentos homossexuais, este argumento não vale, visto que deste modo existe uma falsificação da realidade, pois não se encaixa nas formas de afeto que envolvem o relacionamento entre duas pessoas. Utilizam deste argumento apenas pela busca do iBope, ou seja, criam um laço de curiosidade para manter o público até o final para ver o desfecho. E no caso citado, o famoso beijo não foi exibido gerando mais polêmica sobre qual o problema de mostrar o beijo entre dois homens na televisão.

A discussão sobre estas vertentes é muito polêmica, resultando diferentes posicionamentos e há certeza de uma não conclusão, visto que se trata da liberdade de expressão e do direito de privacidade. Mas é válido para

uma reflexão sobre a tolerância ao diferente, que pode gerar amadurecimento e crescimento social.

Embora a homossexualidade ainda seja um tabu na sociedade brasileira, o combate ao preconceito por parte da indústria cultural é atitude aceitável e desejável numa sociedade que se pretende efetivamente democrática.

8.2 Homossexualidade no curta-metragem “Tolerância”

No projeto do curta-metragem “Tolerância” os personagens João e Flávio formam um casal que possuem um relacionamento que já passa dos oito anos. O primeiro já atua como profissional da área em que se formou (administração de empresas), enquanto o segundo é estudante de psicologia e atua como estagiário. Na trama o relacionamento deles é exposto logo nas primeiras cenas, fazendo com que não se crie uma expectativa fora do comum na situação apresentada. Esta apresentação se faz com um beijo, mas este beijo é o chamado “selinho”, pois, desta forma acreditamos que, além deste beijo ser considerado um ato mais romântico do que sexual, não apelando para o “sensacionalismo”, realmente mostra um envolvimento verdadeiro, honesto e acima de tudo sentimental. Em alguns momentos serão mostradas cenas de afetividade, como troca de olhares e pequenas carícias que simbolizariam ainda mais o sentimento de paixão entre ambos.

Durante a narrativa, alguns flash-backs serão utilizados para demonstrar algumas situações de preconceito que sofreram enquanto firmavam-se como um casal. Os momentos escolhidos foram dois que exemplificam as principais dificuldades que envolvem uma relação não-convencional, tais como a dificuldade aceitação por parte dos familiares, o que fragiliza e causa muitos danos aos discriminados. Outra situação é a recriminação da sociedade, que através de atos, os desprezam, julgam e criminalizam apenas por critérios preconceituosos.

Ao final da trama não apresentamos as conseqüências que se deram no relacionamento entre os parentes dos personagens principais, deixando assim ao público uma possibilidade ambígua, entre uma aceitação para um

relacionamento agradável, ou realmente um afastamento drástico que resultaria na anulação do relacionamento entre estes.

9. Velório – Tradição em torno da morte

A morte é inevitável. Ela faz parte do processo biológico de todo ser vivo, mas é a maneira de se lidar com o morrer que é o argumento da próxima historietta do roteiro. A consciência do ser humano sobre a própria morte o difere dos outros animais. Para Lenise Brandão, mestre em Estudos Transpessoais pela Atlantic University na Virgínia (EUA), o cuidado de dar um destino ao corpo sem vida indica uma tentativa de se organizar diante da morte, o que faz o homem refletir sobre si mesmo. Ao longo da história, mudanças espaços-temporais influenciaram na opinião do ser humano sobre a morte, sobre o luto e, por conseqüência, sobre si próprio.

A sociedade ocidental tem suas raízes na civilização greco-romana, assim como no cristianismo e no judaísmo. Na antiguidade, a Sociedade Grega admitia a morte como uma nova condição existencial, a condição de morto. Eles cremavam os finados obedecendo a duas diferentes importâncias. Se o morto tivesse alcançado feitos grandiosos era levado à pira crematória e com grande cerimônia era julgado herói imortal, como narra Homero sobre Aquiles em “Ilíada”. Mas se o defunto fosse alguém comum, era cremado e enterrado em valas coletivas, uma vez que eram vistos como meros mortais.

Para os cristãos e para boa parte dos judeus a morte é um estágio intermediário, uma passagem para outro mundo. Eles acreditam na ressurreição, na qual para os bem-aventurados estará guardado o paraíso, enquanto que para os mal-intencionados caberá o inferno. Cristãos acreditam que a morte é um sono profundo do qual o falecido despertará no dia da ressurreição, assim enterram com muito cuidado seus defuntos, para que estejam bem no dia do julgamento.

Na alta Idade Média, a morte era encarada como algo natural. A sociedade tinha intimidade com o morrer, ao ponto de moribundos se despedirem e se reconciliarem com familiares e amigos e exporem seus últimos desejos antes de falecer. Mortes súbitas eram vistas como castigos de Deus, já que impediam o processo citado. As cenas de luto eram desesperadas e violentas. Os mortos eram enterrados envoltos em sudários. Cemitérios e igrejas ocupavam o mesmo espaço, pois a proximidade aos santos incitava a idéia de que eles guardariam o descanso dos mortos protegendo-os do inferno.

Na baixa Idade Média, mudanças significativas ocorreram na percepção do morrer. A idéia do julgamento final sofre intervenção da Igreja e passa a ser entendido como imediato diante da morte, o que gera incerteza e intimidação diante do inferno ou do paraíso. A morte passa a ser vista como uma provação. O corpo do morto passa a ser um repulsivo e, após ser completamente envolto em mortalha, era lacrado num caixão e enterrado sob um monumento para a eternidade. As cenas de luto passam a ser mais controladas.

Na Idade Moderna, a partir do século XVIII, novas mudanças ocorrem e novamente influenciam o parecer sobre a morte. O morrer era tido como momento de ruptura, quando o homem é arrancado de sua vida, originando assim, uma separação entre vida e morte. As igrejas e os cemitérios não coexistem mais no mesmo espaço. Estes últimos passaram a ser construídos as margens das cidades, marcando assim a dicotomia entre vivos e mortos. A morte foi romantizada e começa a ser aceita com mais suavidade. Os sepultamentos deixam de ser anônimos e os túmulos passam a pertencer aos defuntos e suas famílias, que agora fazem gosto em visitar o jazigo.

A partir do século XIX, o luto sofre nova ressignificação e passa a ocorrer um exagero do mesmo, o que, segundo Ariés, nos provoca entender que a morte do próximo passou a ser mais temida que a nossa própria morte. Até aqui a os conceitos de morte e de morrer oscilaram bastante, mas ainda não perderam a virtude familiar com que era tratada. “A morte tornara-se um acontecimento pleno de conseqüências; convinha pensar nela mais aturadamente. Mas ela não se tornara nem assustadora nem angustiante. Continuava familiar, domesticada” (ARIÉS, 1989a, p. 44).

Mudança brusca veio a ocorrer na segunda metade do século XX, quando a morte passou a ser tratada como um tabu. Ela não acontece mais em casa, em meio a entes queridos, mas sim sozinho, num hospital. Por questões de higiene e por falta de condições psicológicas os velórios também deixaram de acontecer nos domicílios, pois cada vez mais o corpo morto passa a ser insuportável. Para Maranhão, professor da Universidade Católica do Paraná, a sociedade ocidental contemporânea tem buscado a diminuição da morte, a fim de negar a experiência da mesma. Este fenômeno ocorre não só por não se vivenciar mais o ritual da morte, mas também pela priorização da felicidade, buscada pela cultura ocidental contemporânea.

Agora, numa época em que a morte está em evidência nas ruas e na mídia, muitas vezes de forma banalizada, foram deixados de lado os tradicionais sinais exteriores de luto. Hoje, olha-se para a morte de forma fria. Os tempos atuais parecem tempos de ruptura. E esta ruptura não exclui as práticas funerárias, que se apresentam cada vez mais de formas personalizadas.

9.1 Morte na televisão brasileira

Na televisão, a morte pode ser construída de diferentes formas para atender aos diferentes formatos que essa mídia abrange e pode, inclusive, ser trabalhada diferentemente dentro de programas semelhantes. Identificam-se pelo menos dois tipos genéricos de tratamentos: a morte “familiar” e a morte “anônima”. A primeira trata do sepulcro de entes queridos, que representam um bem que se perde. A morte anônima, ao contrário, trata da eliminação do mal pelo bem, sem que o mal mereça qualquer tipo de ritual sacro, nem mesmo um sepultamento.

Em nossa análise abordamos o primeiro gênero, como a morte é apresentada em programas informativos e como ela é mostrada em programas de ficção, já que cada um destes formatos fazem indicações claras de como devem se comportar. No primeiro formato, a veracidade é esperada, já no segundo, espera-se invenção, simulação.

Programas informativos, como os telejornais, seguem ética e estética próprias, e ao tratar da morte, geralmente, suprimem a imagem explícita do corpo morto, inserindo outros símbolos para esta representação. Entretanto, este processo pode mudar, por exemplo, se o defunto tenha reconhecimento público. Neste caso, as imagens mostram a cerimônia de velório e sujeitos em luto, realçando assim o caráter social da morte.

Programas de ficção, como as séries, apresentam a morte de forma mais evidente que nos programas informativos. Aqui, as simulações são esperadas e a apresentação da morte explícita causa menos impacto do que nos telejornais. Isso se dá, pois o telejornal representa a vida real, enquanto as séries representam a ficção. Contudo, as novelas brasileiras, não superexpõem os cadáveres, nem mesmo mostram a face mais grotesca da morte que habita o mundo policial e criminoso. As lágrimas, o luto, o sofrimento, as discórdias em família são mais

evidenciadas no melodrama para configurar a morte, remetendo, mais uma vez, ao caráter social da morte.

O caráter social citado nos parágrafos acima demonstra cuidado em se criar uma situação de sensibilidade perante a morte. São casos onde o sentimental, o emocional, precisa de algum conforto. Mas nem sempre essa sensibilidade pode ser observada. Na televisão brasileira, tem se buscado muito o sensacional, o espetáculo.

Para Eugenio Bucci, colunista do *Jornal do Brasil* e secretário editorial da Editora Abril, “a morte é um sucesso, desde que trágica, sangüínea, cortante e saborosa. A televisão, o cinema, as manchetes dos jornais, todos adoram a morte - e pedem doses cada vez mais intensas”, sobretudo quando o “mal” é exterminado pelo “bem”. “A morte é o supremo prazer da mídia”. O colunista do *Jornal do Brasil* conta que não tinha se dado conta de como o sensacionalismo a respeito da morte cresceu até ver uma entrevista de Daniel Filho (renomado ator, diretor, produtor de televisão e de cinema), ao programa “Roda Viva”. A partir desta entrevista, ele lembra com exemplos, de como, há alguns anos atrás, a construção da morte e percepção que temos dela diferenciava-se do que temos hoje na TV brasileira e em nós mesmos.

Em 1987, o “*Jornal Nacional*” noticiou o suicídio do norte americano Budd Dwyer, então secretário da Fazenda da Pensilvânia. Ele fora acusado de receber suborno e, para alegar sua inocência, agendou uma entrevista coletiva para um dia antes de seu julgamento. Na entrevista, Dwyer sacou seu Magnum 357 de um envelope de papel pardo e, após apontá-lo para as câmeras, retirou a própria vida. Na ocasião, o telejornal global não reproduziu o momento do disparo, a cena foi congelada no exato momento, configurando assim, o caráter social e sensibilidade dos editores do programa. Mesmo sem a imagem explícita da morte, esta cena marcou a memória de Bucci:

”O que ficou para mim foi somente a sensação de que, naqueles tempos, bastava o congelamento de uma imagem para me chocar, para me traumatizar. Hoje, porém, o mesmo procedimento me frustraria. A mim e ao público. Nada é mais banal do que a morte. A morte para ser morte tem de ser, hoje, visceral e explícita. O próprio Daniel Filho registrou isso em sua entrevista no ‘Roda Viva’. Contou que viu na TV, dia desses, um pai e um filho, criança de 8, 10 anos, sendo executados numa guerra. Sei lá que guerra foi essa. Não importa. Importa a constatação de que a morte ao vivo se tornou um imperativo na mídia.” (BUCCI, “A morte nossa de cada dia”, *Jornal do Brasil*, 05/07/2001)

Ele continua citando outros exemplos pós 1987, nos quais a morte, agora banalizada, era refletida nos noticiários com imagens explícitas de homicídios, suicídios e acidentes. Em 1993, no extinto “Aqui Agora” do SBT foi possível acompanhar Daniele Alves Lopes se jogar do sétimo andar de um prédio no centro de São Paulo. Em 1997, Diego José, que havia seqüestrado um ônibus foi baleado por um policial, no acostamento da Rodovia D. Pedro I, diante das câmeras. Também baleada por um policial, foi possível aos telespectadores acompanhar a morte de Geísa Firmo Gonçalves no desfecho do seqüestro do ônibus circular 174, no Rio de Janeiro. Podemos acrescentar aos exemplos citados por Bucci, o recente caso da morte de um bandido causada por tiro certeiro disparado por um atirador de elite da PM do Rio de Janeiro. O criminoso ameaçava com uma granada a vida de policiais e civis quando foi alvejado com um tiro na testa. A cena foi transmitida, este ano, pelo “Brasil Urgente”, da TV Bandeirantes.

No âmbito ficcional, esta trivialidade a respeito da morte aparece, por exemplo, em séries policiais e criminalistas, que embora sejam produzidas no exterior, são exibidas e tem grande aceitação no território nacional. Séries como CSI, Six Feet Under, Bones, entre outras, tratam mais especificamente da morte e sustentam grande visibilidade para restos mortais, defuntos em decomposição, órgãos humanos e profusão de sangue. E, para nosso propósito, é bastante relevante citar que o forte teor icônico desses restos mortais, exaustivamente apresentados, parece ter contribuído para aumentar a visibilidade dessas séries.

“A morte na mídia virou um componente obrigatório. E gasto. Por isso, quanto mais em câmera lenta, melhor” (BUCCI, 2001). O escracho da morte que vemos hoje colabora para a racionalização do fim da vida. Ou seja, “perante o imperativo da morte sensacional” na grande mídia, nos acostumamos cada vez mais com a idéia da morte e “aquilo que me chocava pela simples indicação, sem ter de ser mostrado explicitamente, hoje é um disparo a mais, uma bobagem, uma banalidade” (BUCCI, 2001).

9.2 Tradição em torno da morte em “Tolerância”

Em março de 2009, a escritora Déa Rodrigues (mineira de Uberaba, 76 anos, e também cozinheira de mão cheia), deu uma entrevista ao “Correio de

Uberlândia” respondendo a respeito do livro que publicara: “Os Comes e Bebes nos Velórios das Gerais e outras histórias”. O livro publicado pela Editora Auana, segundo as palavras da própria autora, “é uma coletânea de boas histórias e boas receitas”.

A idéia de servir comida em velório pode parecer estranha, assim como a idéia de se realizar esta cerimônia no domicílio da família do defunto. Hoje em dia, é mais difundido o juízo de se afastar deste ritual, de se distanciar da morte. Mas o costume descrito no livro da senhora Déa ainda ocorre em cidades interioranas, principalmente das Minas Gerais.

É neste contexto que o curta-metragem “Tolerância” apresenta Vera, mulher que já havia perdido o marido e que agora recebe a notícia da morte de seu filho, o qual criou sozinha e ao qual era muito apegada. Ele era praticamente tudo o que ela tinha.

Como se pode imaginar, Vera sofre muito no dia em que recebe a notícia do falecimento, principalmente por lembrar-se dos momentos felizes que passou junto ao seu filho. O curta-metragem trata o tema com sensibilidade, fugindo do sensacionalismo. A intenção é mostrar uma cultura diferente da comumente obedecida, e não criar um espetáculo. Iluminação, trilha sonora e edição serão trabalhadas para contribuir para este fim.

Na trama, como o característico no costume de Vera, o velório do garoto é realizado na sala de sua residência. Lá estão presentes, o caixão com o corpo, Vera, familiares, amigos, o padre e um garçom que serve aos condolentes alguns quitutes e bebidas. O clima tenso de perda prevalece, embora todos pareçam familiarizados com a proximidade com a morte. Como diz o dito popular “a morte é uma das únicas certezas da vida”.

10. Religião

Segundo o dicionário Aurélio, religião é a crença na existência de força ou forças sobrenaturais e a manifestação de tal crença por doutrina e ritual próprios. O Brasil, desde a primeira Constituição da República, em 1891, passou a ser um Estado laico. Também conforme o dicionário Aurélio, laico tem o mesmo sentido de leigo, que nos remete a idéia de neutralidade, indiferença. Ou seja, o Brasil é um país que não tem uma religião oficial e, portanto, prima pelo respeito a todos os cultos e visões religiosas, desde que respeitem a vida e a dignidade humana.

Fato interessante a se analisar, é a contradição entre um Estado laico e uma sociedade bastante caracterizada pela forte ligação aos aspectos religiosos como a sociedade brasileira. Segundo o IBGE, através do Censo 2000, apenas 7,3% da população brasileira declare-se sem religião. A pesquisa apurou que entre as religiões apresentadas, 73,8% dos entrevistados declararam-se católicos, 15,45% disseram-se evangélicos e as outras religiões acumularam índices inferiores a 5%.

No Brasil, a falta de respeito entre as diferentes religiões é freqüente, mas não são comuns grandes casos de brutalidade. A República Federativa do Brasil tem se mantido como Estado laico, mas várias ações facilmente observadas podem ser consideradas desrespeitosas para com minorias religiosas. A presença de um crucifixo em um prédio público ou, a denominação do crente na Umbanda ou no Candomblé como “macumbeiro” são exemplos de possíveis ofensas àqueles que não compartilham das mesmas crenças.

A falta de respeito para com a religião de outrem não é uma questão moderna, muito pelo contrário. Este problema é, ao decorrer dos tempos, um dos grandes causadores de conflitos entre os povos. Os judeus e os muçumanos em freqüente discórdia no Oriente Médio, a troca de agressões entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, entre outros casos, são importantes exemplos das chamadas Guerras Santas.

10.1 Religião na Televisão brasileira

Em 25 de novembro de 2008, o programa da TV Brasil, Observatório da Imprensa revelou um pacto entre a imprensa brasileira e o governo brasileiro que

esconderia um tratado. A concordata entre o Estado brasileiro e a Santa Sé, que confere status jurídico a Igreja Católica no Brasil, prevendo, entre outros pontos polêmicos, o ensino religioso optativo, isenção fiscal e a manutenção de patrimônios da Igreja com recursos do Estado.

O silêncio rompeu-se apenas após um juiz de São Paulo ter acolhido a denúncia do Ministério Público contra altos dirigentes da Igreja Universal do Reino de Deus, inclusive seu maior expoente, o bispo Edir Macedo. As acusações de evasão fiscal e lavagem de dinheiro foram amplamente noticiadas pela grande imprensa e gerou um embate entre a Rede Globo, que atacava a Igreja Universal do Reino de Deus, e a Rede Record, que pertence aos dirigentes da Igreja Universal e que se voltaram contra o pacto com o Vaticano.

Esta guerra entre Globo e Record reflete a disputa entre as igrejas cristãs no Brasil, reflete a falta de respeito com a religião alheia. E se estas que são as religiões mais influentes no país se afrontam com tamanho desdém, podemos imaginar como são tratadas as minorias religiosas. O Brasil é berço de religiões com origens africanas como o Candomblé e a Umbanda, o Brasil é o país com maior número de seguidores do espiritismo no mundo, mas não raramente vemos desrespeitos e exageros quando estas religiões são tratadas em novelas, minisséries ou filmes.

Entendemos a dificuldade da liberdade religiosa na televisão brasileira ao analisarmos a grade de programação de nossas emissoras. Além da Rede Globo que apresenta como atrações missas católicas em dias santos, e da Rede Record que pertence a Igreja Universal, podemos ver todos os dias programas de bispos evangélicos em diversos canais da TV aberta. A Igreja da Graça, do missionário R. R. Soares apresenta um programa no horário nobre da TV Bandeirantes. O apóstolo Valdomiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus arrendou 22 das 24 horas de programação do Canal 21 (o que, aliás, é proibido por lei). E até o menos conhecido pastor Silas Malafaia tenta seu lugar ao sol, depois de comprar toda a madrugada da Band.

Mas voltando ao eixo Record - Globo, em março de 2008 a Rede Record apresentou reportagem no programa “Domingo Espetacular” acusando a novela “Duas Caras”, produzida e transmitida pela Rede Globo e escrita por Agnaldo Silva, de preconceito religioso. Na trama a personagem Edivânia (Susana Ribeiro), que é claramente evangélica fanática, comandava uma tentativa de linchamento do

triângulo amoroso formado pelos personagens Dália (Leona Cavali), Bernardinho (Thiago Mendonça) e Heraldo (Alexandre Slaviero). A reportagem que levou o dominical a registrar sua maior audiência até então acusava abertamente a Rede Globo de incitar o preconceito contra os evangélicos.

A Rede Globo, através de Luis Erlanger, diretor da Central Globo de Comunicação, se defendeu alegando que a novela trata da ficção e retrucou as acusações de preconceito lembrando o caso do bispo Sergio Von Helder, que em 1995, agrediu a imagem de Nossa Senhora Aparecida exatamente no dia da padroeira do Brasil. O ato foi transmitido pela Rede Record no programa “O despertar da Fé”, que o bispo apresentava durante as madrugadas. O protesto do bispo era para acusar a Igreja Católica de lucrar com a venda de imagens de santos.

Em todos os casos aqui apresentados, os principais lesados são os fiéis que não tem culpa dos atos e acordos de seus dirigentes, mas sentem na pele o preconceito para com suas crenças, sobretudo quando o ultraje está em foco na grande mídia. Segundo Alberto Dines, no editorial do “Observatório da Imprensa na TV nº 517”, exibido em 25/08/2009 pela TV Brasil, “a manutenção estrita do laicismo é uma questão política, diz respeito ao Estado democrático e isonômico, pertence à esfera Legislativa. Resta perguntar como ficarão os abusos nas concessões de rádio e TV a grupos religiosos. Serão corrigidos pela Câmara Federal ou vetados pelo Ministério das Comunicações?”

10.2 Religião no curta-metragem “Tolerância”

Inspirado em recentes notícias sobre protestos e proibições contra o uso da roupa de banho desenvolvida para mulheres muçumanas, o “burkini”, o projeto de curta-metragem “Tolerância” apresenta Adara, filha de pais árabes, criada no Brasil e hoje, com trinta anos, é estudante de enfermagem e mantém os costumes de sua religião, o Islamismo. Religião esta, que é descrita nos estudos do Censo 2000 como uma das menos influentes no país, com índice de apenas 0,016% de seguidores.

Adara costuma vestir a tradicional “burka”, embora não em tempo integral. Ela já adota medidas menos conservadoras em relação ao Islamismo, mas sempre que possível usa esta vestimenta como forma de afirmação de sua identidade. Este

hábito fica evidente quando ela sai de sua casa em suas longas roupas enquanto outras pessoas transitam em roupas mais decotadas devido ao calor. Ela desloca-se com a intenção de refrescar-se nas piscinas de um clube.

Ela apresenta-se extremamente à vontade, o que demonstra que a vestimenta está realmente incorporada em sua cultura, em seu dia-a-dia. No clube, para nadar, ela veste o traje de banho que cobre todo o corpo como manda sua crença e, relaxada na piscina relembra quando enfrentou protestos e preconceitos pelo uso de tal traje.

Algumas pessoas que também freqüentavam as piscinas do clube não aceitavam o “burkini” como roupa de banho exatamente como tem acontecido pela Europa. Na França, duas mulheres islâmicas foram proibidas de nadar vestindo o “burkini”. Elas foram obrigadas a se retirar da piscina por “questões de higiene”, já que o regulamento do clube proíbe que se nade de roupa, alegou o presidente do estabelecimento. Na Itália, a causa do protesto foi que o traje assustava crianças, mas nesse caso ninguém precisou expulso da piscina. E, até na liberal Holanda, cogitou-se proibir o traje pelo incomodo que causaria aos demais freqüentadores das piscinas.

Para Adara, estas situações já foram ultrapassadas. Ela conseguiu vencer o preconceito que a cercava, mesmo pertencendo a uma minoria religiosa no país. Nenhum protesto evidente voltou a acontecer. Ela fez valer o direito de freqüentar o clube de acordo com suas tradições. Mas, fora da ficção, principalmente na Europa, as notícias a respeito do uso do “burkini” continuam a causar polêmicas.

11. Moradores de rua

Abandonado, desprotegido, desamparado. A expressão “morador de rua” nos remete a um grupo social fragilizado e, por isso mesmo, bastante suscetível à violência, às drogas, às doenças e à morte súbita. Diante da exclusão familiar e social que acomete esse grupo, as pessoas pertencentes a ele encontram muitas dificuldades para preservar a auto-estima e o bem estar físico e mental. O abandono preocupa, ainda mais, no âmbito infantil, pois confronta o ócio, a inocência e o ambiente contaminado e contaminador das ruas, submetendo, assim, os menores a uma corrupção moral, da qual dificilmente se libertarão.

Como defendia Dom Adriano, falecido bispo da pastoral da Baixada Fluminense, cujo envolvimento com as camadas mais pobres da região resultou no seqüestro que obteve ampla repercussão em 1977, a questão dos menores abandonados relaciona-se à questão de “adultos irresponsáveis”. Segundo o bispo, tal irresponsabilidade dos adultos provém, principalmente, da má educação que oferecem às crianças e jovens. Escolas insuficientes, educação precária, salários de fome para os professores, entre outros motivadores, compunham o discurso de Dom Adriano.

“Tenho para mim que o Brasil ainda não tomou a sério o problema da criança. Tomou a sério a industrialização. Tomou a sério o petróleo. Tomou a sério a siderurgia. Tomou a sério as grandes estradas da integração nacional. Tomou a sério um bocado de coisa. Só não tomou a sério o problema mais sério, porque fundamental, que é o da educação.” (Dom Adriano em entrevista ao estudo “Movimento”. Disponível em <<http://domadriano.mitrani.org.br/entrevistas/Movimento.pdf>>. Acesso em: 01 de NOV de 2009.)

O pensamento do bispo se completa com a análise dos “milagres” de recuperação alemão, japonês e italiano no pós guerra, que se deram, segundo ele, a partir da educação. No caso brasileiro, Dom Adriano observa que, a partir de interesses de grandes investidores, e da injeção de grandes capitais em setores da produção, o país obteve certo crescimento, mas essa sociedade de consumo que se instaurou é dolosa à questão do menor abandonado (e do morador de rua em geral).

Conforme apurado por Grazielle Machado no site da Agência Brasil, em 2007, o governo federal anunciou o início de um censo exclusivo sobre

moradores de rua, já que o Censo Populacional realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não abrange essa parcela da população e, por tanto, não se podia precisar o número de brasileiros nesta situação. Além do fato que, por si só, já revela a discriminação que sofrem esses brasileiros, a falta de informação a respeito deste grupo, por parte do governo, ata suas mãos em relação às medidas políticas voltadas para ele, o mantendo excluído socialmente.

Ciente da indiferença governamental para com essa camada da população, e entendendo o assistencialismo como ineficaz em longo prazo, uma boa opção para a solução desta questão seria o empreendedorismo social praticados por algumas ONGs com ajuda de iniciativas privadas. Mas, infelizmente, é usual que a maior parte da população e das empresas somente enfrente este problema diante da repercussão midiática dos atos criminosos cometidos contra os moradores de rua.

11.1 Moradores de rua na televisão brasileira

Além, do viés pitoresco, extravagante, folclórico com que se aborda o tema na dramaturgia, a tragédia dos moradores de rua só é debatida na imprensa brasileira quando se trata, por exemplo, de uma chacina, como aquela ocorrida na Candelária, no Rio de Janeiro, em 23 de julho de 1993.

Em artigo no “Observatório de Imprensa”, o jornalista Washington Araújo defende que os moradores de rua só são notícia quando são acometidos por extrema violência. Ele observa que são raras as reportagens e matérias que tratam como aspecto e/ou com entrevista, dos direitos humanos de meninos e meninas moradores de rua. Novamente, a ineficácia do censo do IBGE em oferecer dados sobre esta parcela social dificulta a divulgação, na mídia, da real situação desses brasileiros, que correm risco de vida 24 horas por dia.

Geralmente, a cobertura da imprensa caminha pela aversão para com o crime em si e sempre se apresenta envolta em compaixão, apelando para o sensacionalismo. Como nos alerta ARAUJO:

“um texto ou subtexto a provocar a solidariedade natural dos leitores, ouvintes, telespectadores, internautas com os mortos que, a bem da

verdade, perambulam pelas vias públicas como mortos em vida”.
(ARAUJO, Washington. A editoria que não há.)

Ele completa solicitando a existência de editorias especializadas na questão dos Direitos Humanos. Assim como existem as editorias de Esportes, Política, Economia, entre outras, a consolidação de cadernos de Direitos Humanos e Cidadania poderiam oferecer espaço para as vítimas que compõem as populações de rua.

“Enquanto não existir editorias sólidas, bem aparelhadas e com a missão de trazer para o dia a dia das redações e das editorias o tema universal da defesa e promoção dos direitos humanos teremos uma mídia capenga, joguete de interesses políticos, econômicos e comerciais – aqueles que habitam há séculos o andar de cima.”
(ARAUJO, Washington. A editoria que não há.)

Na opinião de Marcelo Beraba (antigo Ombudsman “Folha de S.Paulo”, e jornalista do “Estado de São Paulo”), os casos de violência contra moradores de rua não são consideradas merecedoras da importância neles implícita. Ele aborda os ataques a moradores de rua em São Paulo, em 2004, e afirma que os dois maiores jornais do estado não os julgaram como merecedores de manchete.

“não perceberam imediatamente a dimensão dos crimes, não entenderam que não se tratava apenas de atos de barbárie, mas que escancaravam as contradições da cidade. O que explica que tenha 10 mil pessoas morando nas ruas? E o que explica que uma pessoa, ou várias, se disponha a matá-las pelas madrugadas? O que acontece com essa megalópole? [...] Sem foto, sem uma arte que mostrasse o local dos crimes, sem um recurso gráfico que valorizasse a notícia, ela foi dada na primeira página sem a indignação que o jornal costuma se permitir em casos de afrontas à cidadania.” (BERABA, Marcelo. O povo da rua.)

A sensibilidade que faltou a mídia impressa neste caso, localiza semelhança na televisão brasileira quando nos lembramos de programas como os do pioneiro Jacinto Figueira Júnior, o homem do sapato branco. Reconstituições policiais e apelo populacional configuram o sensacionalismo do “mundo cão” apresentado nesses programas, que encontram atualmente sua representação em apresentadores como Carlos Massa (o Ratinho) e José Luis Datena, por exemplo.

11.2 Moradores de rua no curta-metragem “Tolerância”

Tiago é um garoto de apenas 10 anos. Ele fugiu de casa após a morte do irmão mais velho, que se envolvera com o tráfico de drogas. Sua família morava numa das favelas da cidade. O pai alcoólatra o maltratava e a mãe adoecida, em nada podia ajudar. Desde a fuga, Tiago mora na rua, se virando como podia, fazendo “malabares”, pedindo esmolas, olhando carros ou até mesmo cometendo pequenos furtos. O garoto é um entre os milhares de menores moradores de rua do Brasil e exemplifica bem essa situação.

O roteiro do curta-metragem “Tolerância” reserva relevante importância para a questão do menor morador de rua. Primeiramente, presente só em segundo plano diante de todas as outras situações abordadas no vídeo, o problema de Tiago reflete a real condição do tema perante a sociedade brasileira. O curta-metragem, com a proposital marginalização desse problema, insinua agir como parte da população que é indiferente ao assunto e que valoriza, critica, se identifica ou se diferencia mais com os outros temas abordados.

A partir do momento em que se encara em primeiro plano a realidade do menino Tiago é que podemos nos referir a última citação do roteiro, creditada a Heródoto, o pai da filosofia. A citação nos oferece a idéia de que podemos apresentar às pessoas as mais variadas culturas, mas elas dificilmente aceitaram que alguma tem valor diante da sua própria. Obviamente, também não cabe ao curta-metragem averiguar ou sugerir qual é a melhor cultura. O roteiro preza por conceder espaço e valorização a todas as culturas. Comportamento que propõe despertar também nos espectadores, ao se esquivar de preconceitos.

12. Relatório de Roteiro

O roteiro desenvolvido para o curta-metragem “Tolerância” trata das diferenças culturais existentes em vários lugares. Os temas abordados na narrativa foram: a homossexualidade, tradições populares (velório) e hábitos religiosos, todos estes estão envolvidos em discussões e polêmicas atuais. Também apresentamos uma situação muito presente em diversas sociedades, que é a questão dos moradores de rua, que são tratados como se fosse apenas paisagem urbana.

A narrativa está dividida em quatro seqüências independentes, cada uma abordando os temas citados acima. Utilizamos como ferramenta para voltar ao passado o flash-back. Nele o trabalho de arte e fotografia poderá ser mais bem desenvolvido.

Entre as seqüências, existem apenas dois elos que interligam suas histórias, o primeiro faz parte da abertura, onde são apresentados todos os personagens principais em frente à televisão, que está exibindo uma mensagem sobre a diversidade cultural, já o segundo, é a introdução do menor de rua em alguma cena das demais historietas abordadas.

A presença deste parece insignificante dentro do contexto das histórias que são tratadas. Assim sendo, a provável indiferença quanto a sua participação será adotada pelos espectadores. Apenas quando sua seqüência for apresentada pela trama, passarão a pensar sobre sua participação em todas as seqüências.

Esta estrutura adotada faz parte da nossa estratégia para atingir o objetivo pretendido, ou seja, ao não se identificar com os hábitos ali tratados, gera-se uma discussão sobre estes, e assim, não se discute o que de fato deveria preocupar as pessoas.

Pelo motivo dos costumes e modos de vida estarem ligados a uma minoria, e considerados “estranhos”, aqueles que não possuem a virtude da tolerância apenas irão se atentar em criticar esta diversidade cultural, passando em branco o real problema ali apresentado sobre o desnível socioeconômico presente em praticamente todas as estruturas sociais. As práticas ali mostradas estão sendo apenas apresentadas ao público, sem nenhum tipo de discriminação.

O ponto forte do roteiro são as citações que foram inseridas, uma pertencente a Clifford Geertz, e outra do historiador Heródoto. Elas causam um impacto e uma reflexão muito interessante para fomentar a discussão sobre o assunto, pois ainda, no final da narrativa há uma contestação sobre a citação de Heródoto, a qual utilizamos como meio de criar mais polêmica.

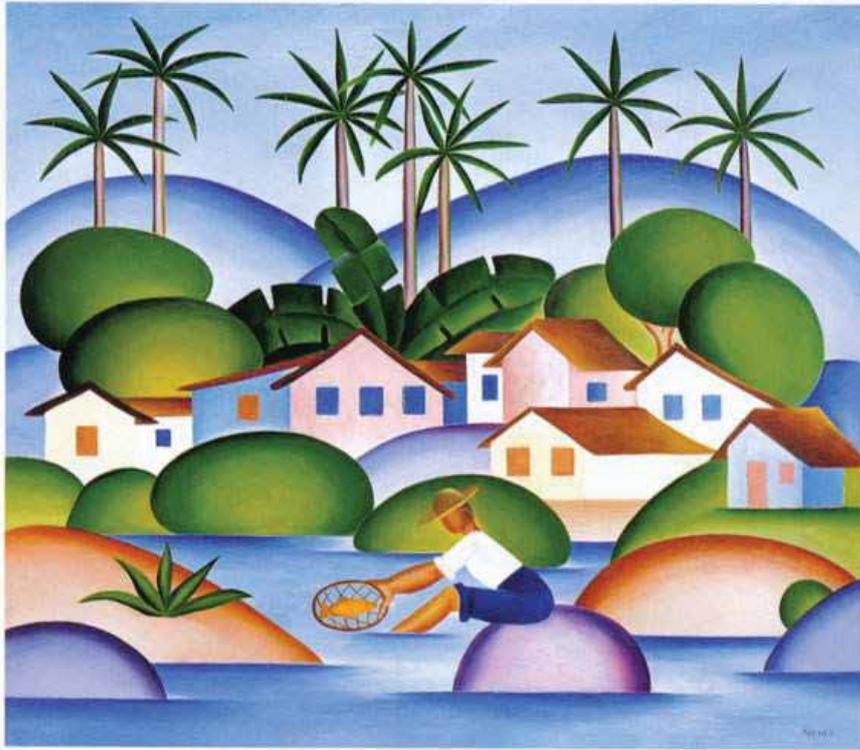
O roteiro tem como referência o filme *After Sex – Depois do Sexo*, do ano de 2007, uma comédia dramática dirigida por Eric Amadio.

13. Relatório de Direção de Arte

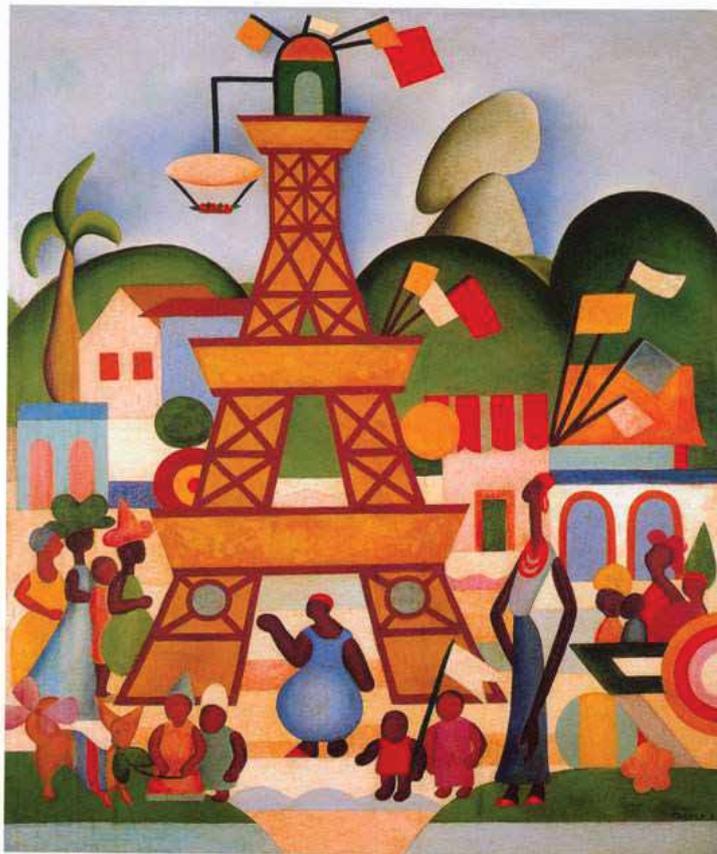
O projeto do curta-metragem “Tolerância” tem como base fundamental em sua direção de arte a ambientação brasileira. Nosso objetivo é tratar de assuntos que ainda não são tão bem aceitos pela população em geral. No projeto estes assuntos são inseridos em nosso cotidiano, visando melhor envolver o público. Tivemos a preocupação de deixar com que estas situações (homossexualidade, religião e tradições alheias) sejam transmitidas e absorvidas pelo público sem uma sensação de distanciamento, sem parecer que esses costumes, hábitos, modos de vida, sejam mais peculiares a outras sociedades. Isso tudo é trabalhado pela dramatização que discute tais fatos, e também, não menos importante, pela direção de arte na apresentação da trama ao público. Analisando nossas preocupações, percebemos que podíamos usar como referência em nosso trabalho a brilhante artista Tarsila do Amaral e sua fase “pau-brasil”.

Tarsila do Amaral insere-se no quadro de artistas responsáveis pela renovação da arte brasileira que aconteceu por volta de 1920. Envolveu-se com o movimento modernista e firmou um elo especial com a questão da “brasilidade”. Fez parte do chamado Grupo dos Cinco, com Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, com este último foi casada por quatro anos. Voltando de Paris em 1923 inicia sua pintura “pau-brasil” recheada de cores e temas acentuadamente brasileiros.

A “brasilidade” de Tarsila pode ser vista em todas as seqüências de nosso projeto, mesmo nos momentos que trabalhamos com uma dramatização mais escura e fria, os tons das cores brasileiras sempre estão presentes, seja nos objetos de cena ou no figurino. Desta forma a nossa proposta de inserir os temas de cada seqüência no cotidiano brasileiro, sem causar nenhum tipo de preconceito pode ser alcançada. Como no quadro Carnaval em Madureira, em que Tarsila insere no meio da favela a famosa Torre Eiffel, tornando-a parte daquele todo.



AMARAL, Tarsila. O Pescador. 1925.



AMARAL, Tarsila. Carnaval em Madureira. 1924.



AMARAL, Tarsila. A Cuca. 1924.



AMARAL, Tarsila. EFCB. 1924.

Além da influência de Tarsila do Amaral, tivemos a preocupação com as emoções e sentimentos que as formas e cores poderiam passar para o público. Investigamos vários trabalhos sobre psicologia da comunicação que tratam desse assunto para propormos os elementos mais eficazes que nos levassem ao objetivo pretendido com o projeto. Abaixo estão listados as principais cores utilizadas pelo figurino e pela cenografia e suas respectivas expressões:

Amarelo: esta cor transmite um sentimento de esperança, a convicção de que no final tudo vai acabar bem. Tem certo tom de alegria e jovialidade. Remete também ao conhecimento, sabedoria.

Branco: intensifica a harmonia, transmite um sentimento de tranqüilidade e paz, podendo proporcionar um agradável conforto mental.

Azul: aproxima-se das emoções transmitidas pela cor branca, além de transparecer confiança e estar inserido num plano espiritual de fé e devoção. Também possui uma essência curativa muito relaxante.

Laranja: esta cor reflete vitalidade, alegria, confiança. Por muitos é entendida como uma cor que representa a comunicação e a criatividade. Possui em sua essência a vontade de pensar a vida positivamente.

Verde: transmite uma sensação de proteção. Está ligada à liberdade e ao equilíbrio. Passa uma vibração positiva baseada na evolução do espírito.

Vermelho: sua principal característica está ligada à excitação. Cor vibrante e intensa, que pode ser associada ao atrito, sensualidade, amor carnal, fogueira.

Preto: está quase sempre ligado a morte e ao luto. É uma cor que significa sobriedade e introspecção.

13.1 Figurino

O figurino escolhido pela direção de arte é composto de roupas básicas e comuns, variando entre camiseta, camisa, shorts, calça, saia, blusa, entre outros. O colorido é uma preocupação constante em boa parte deste projeto. Apesar de ser influenciado pelo colorido de Tarsila do Amaral, todas as cores foram pensadas de forma a atingirem o público emocionalmente.

O destaque no figurino está presente na história que apresenta hábitos religiosos. Nele uma cidadã brasileira islâmica usa em uma das ações uma Burka e em outra determinada ação utiliza um “Burkini” (burka + biquíni). Ainda pouco conhecido, mas já cheio de polêmicas, este traje de banho feminino foi desenvolvido pela designer libanesa Aheda Zanetti no ano de 2007. A peça é formada por duas partes, sendo elas uma calça e uma blusa de manga comprida, os materiais escolhidos para sua fabricação foram: a lycra e o poliéster. Abaixo seguem os modelos de roupas escolhidos para cada personagem:

Homossexualidade -



João



João



Flávio



Flávio



João



Flávio

Velório – (na cerimônia, roupa social preta).



Vera



Vera e Mãe (vizinhos)



Filho (Vera) e Pai (vizinhos)



Filho (Vera) e Pai (vizinhos)



Filha (vizinhos)

Mãe (vizinhos)

Religião –



Adara



Adara



Adara

Menor de rua



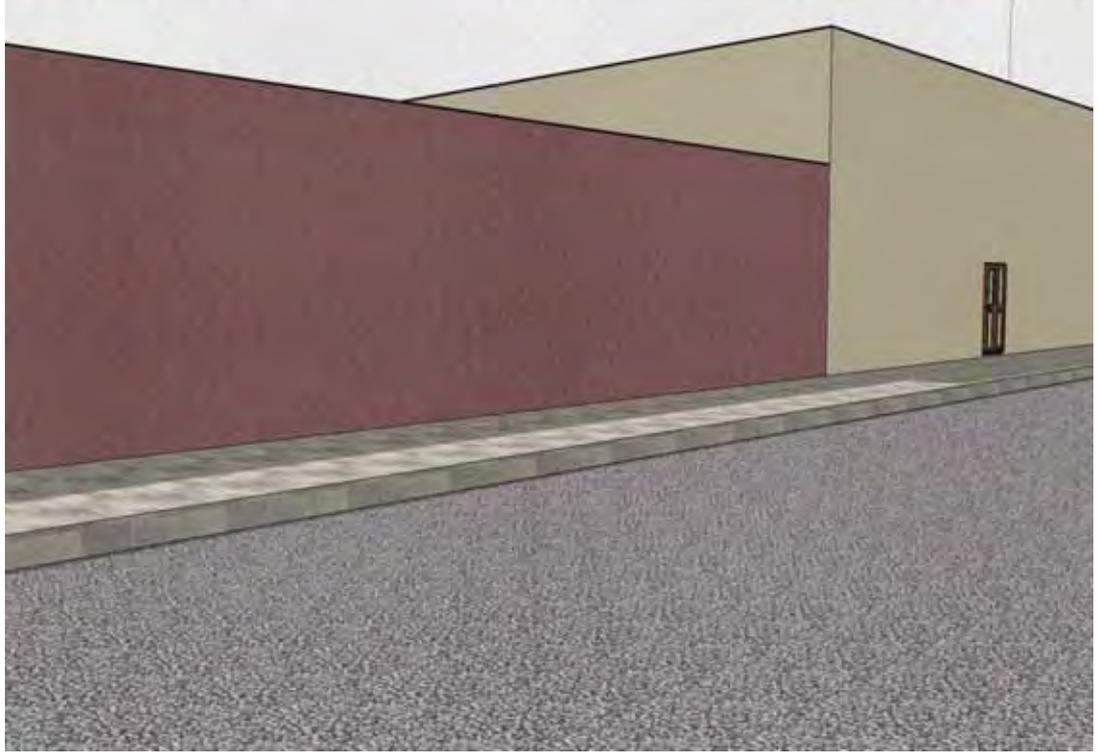
Thiago

13.2 Cenografia

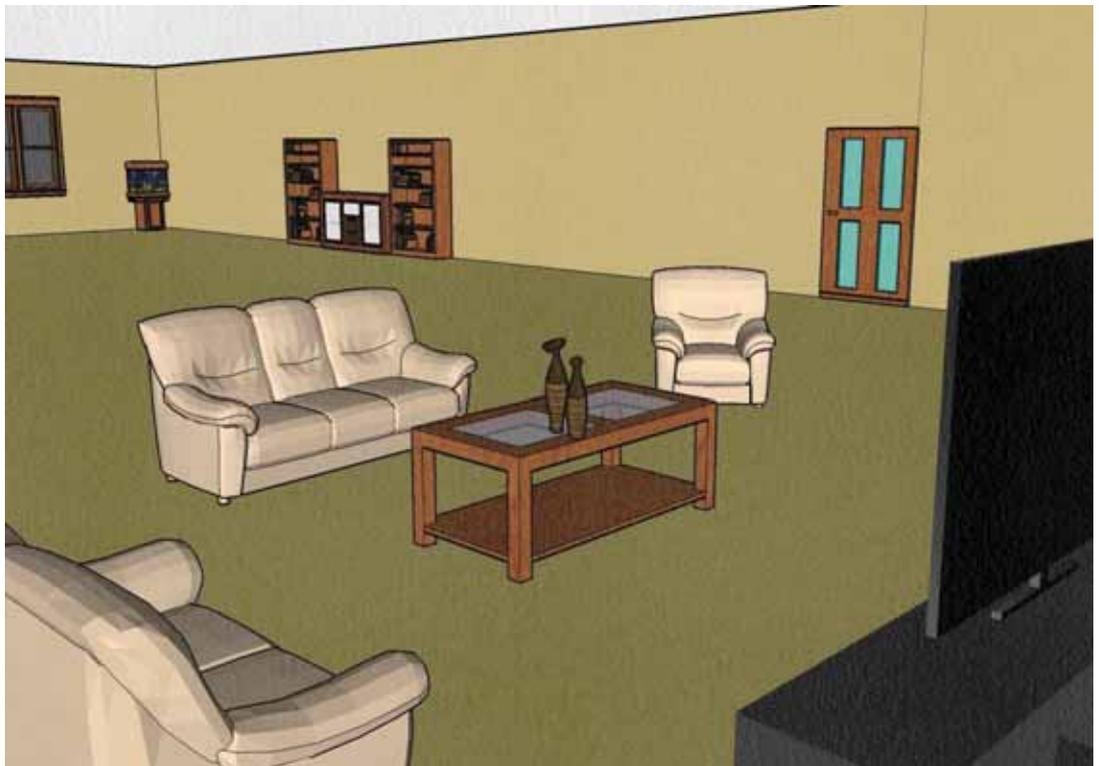
Como na direção de fotografia, a cenografia terá diferentes modulações durante o decorrer do projeto. Em todos os assuntos tratados são fornecidas ao público experiências amargas e alegres, visando provocar a devida reflexão. Para enfatizar ainda mais a tensão dos respectivos momentos a cenografia busca caracterizar essas tensões emocionais por meio da ambientação das personagens.

Nas seqüências em que são apresentados conflitos, angústias, amarguras provocadas pelo preconceito serão trabalhados o desequilíbrio, a tensão, o desnivelamento através de formas irregulares, eixos não-concordantes, imagens sem nivelamento e perturbadoras. Tudo será utilizado para que a composição visual possa transmitir a linguagem necessária para determinada cena.

As seqüências que trabalham a alegria, orgulho e afeto serão traduzidas pela direção de arte por formas delicadas, estabilizadas, direcionais. Os quadros de Tarsila do Amaral estarão presentes em todas as temáticas, de modo a suavizar e caracterizar ainda mais estes ambientes.



Locação – Rua, João voltando do serviço.



Locação – Sala, João e Flávio.



Locação – Cozinha, João e Flávio.



Locação – Quarto, João e Flávio



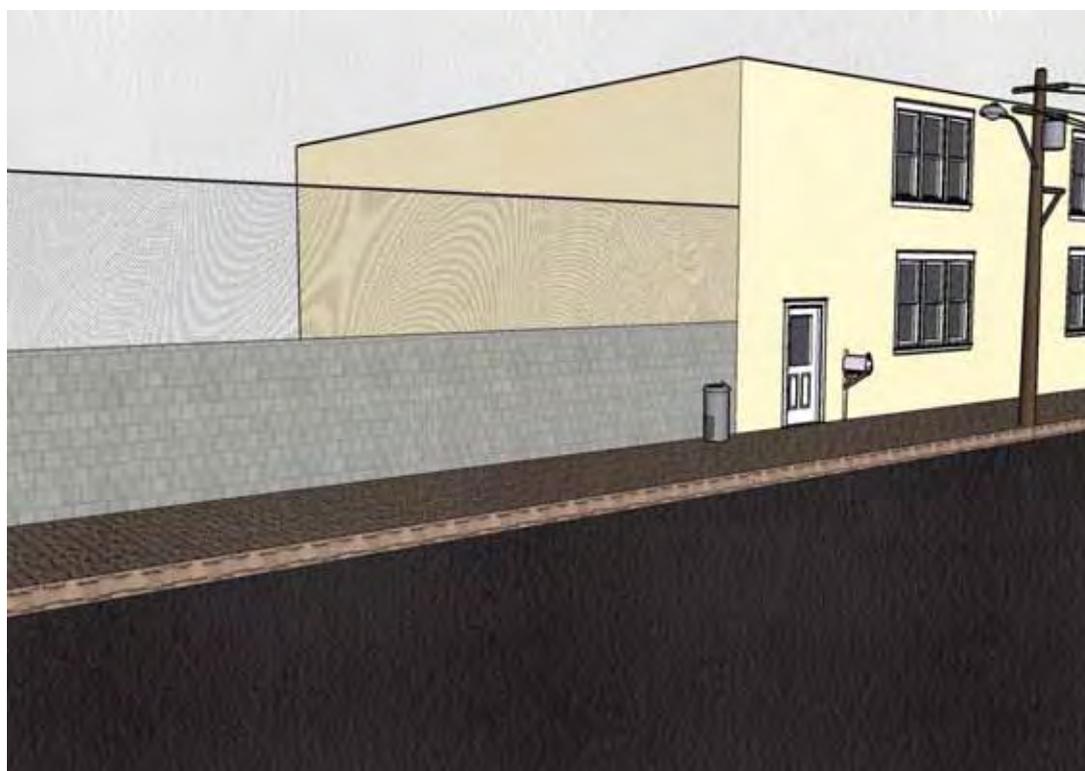
Locação – Banheiro, João e Flávio.



Locação – frente casa Vera.



Locação – Sala, Vera.



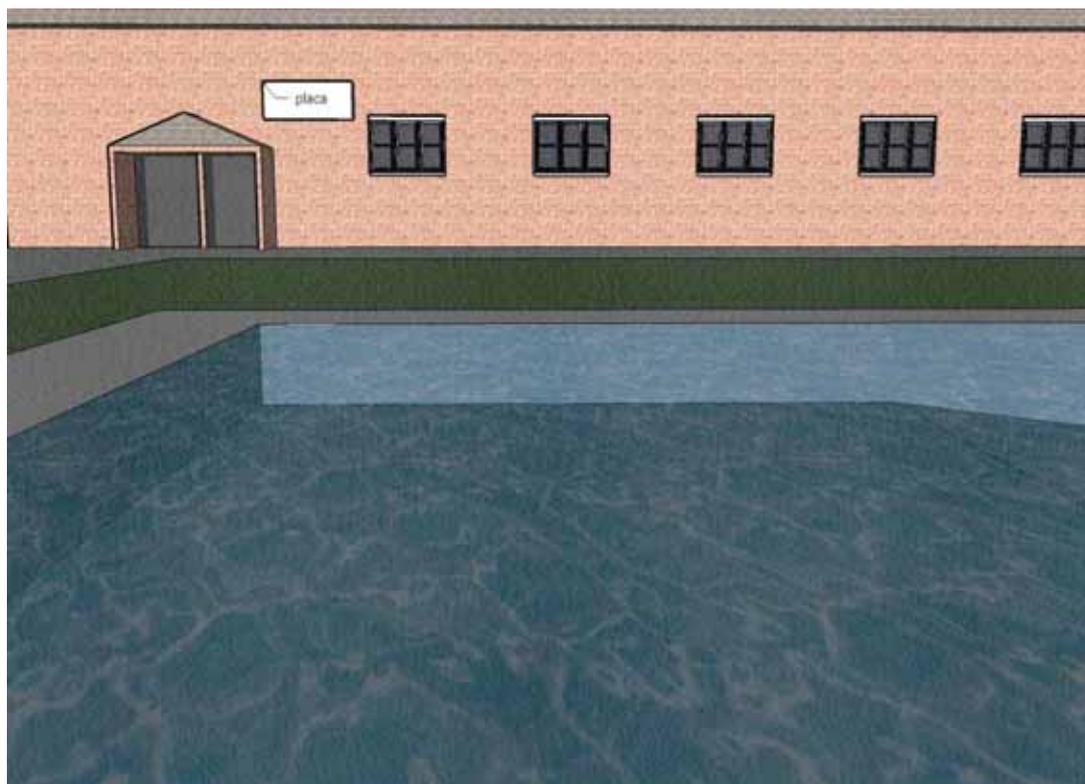
Locação – Rua, Adara.



Locação – Entrada clube, Adara.



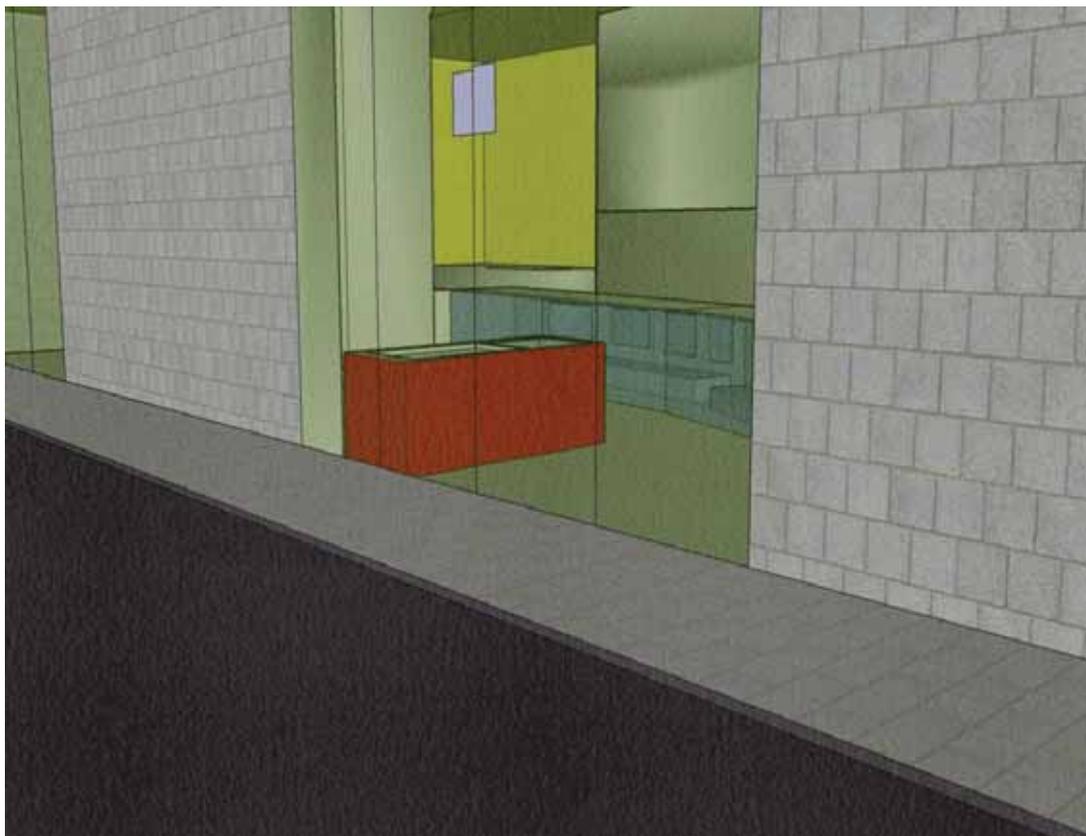
Locação – Vestiário, Adara.



Locação – Piscina, Adara.



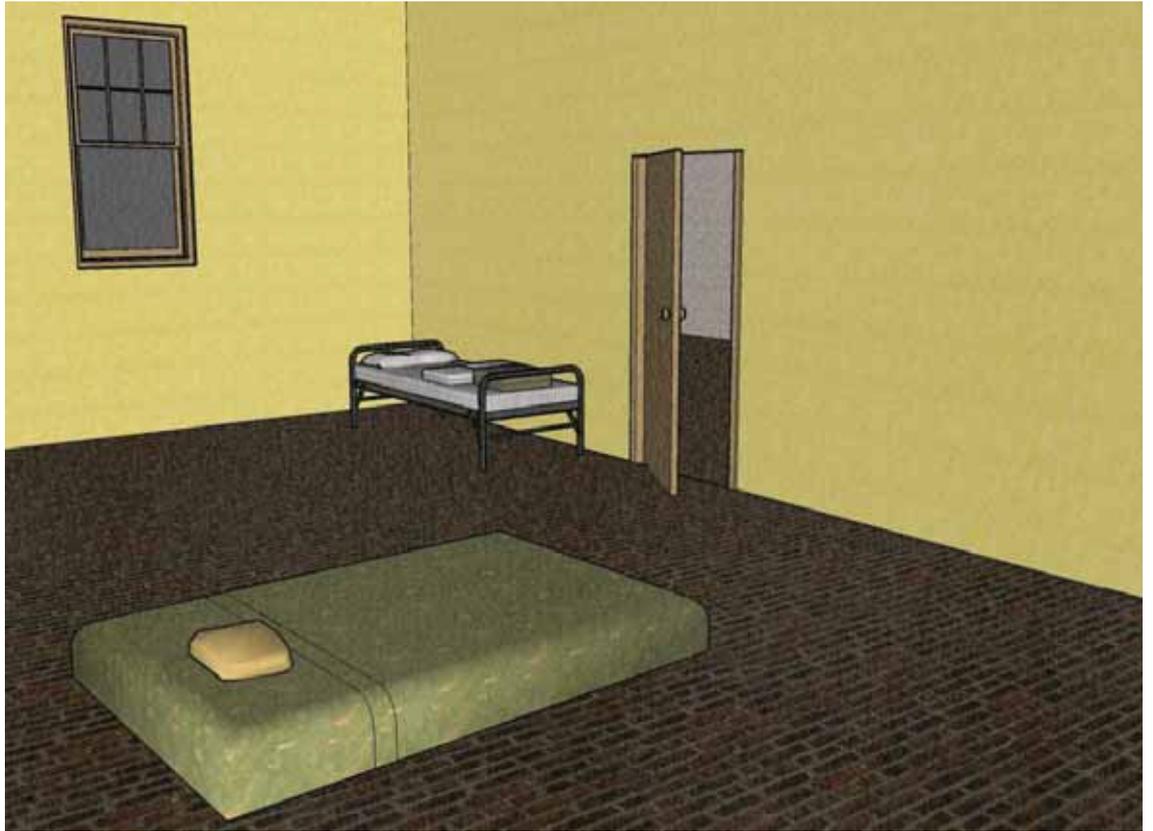
Locação – Praça, Thiago.



Locação – Padaria, Thiago.



Locação – Cozinha, Thiago.



Locação. Quarto, Thiago.

14. Relatório de Direção de Fotografia

A Direção de Fotografia do curta-metragem “Tolerância” tem como base fundamental a utilização da iluminação de três pontos. Busca em diversos momentos um trabalho artístico que leve o público a vivenciá-los a partir de um jogo de iluminação mais característico para cada situação.

Como toda a trama se passa em cenário nacional, as cores vivas e bastante marcantes serão utilizadas pela direção de arte para caracterizar essa “brasilidade” do curta-metragem. A direção de fotografia, ao fazer uso de filtros, gelatinas, difusores, rebatedores, entre outros artifícios necessários, irá colaborar para a construção dessa visualidade.

O trabalho que se pretende desenvolver com a direção de fotografia neste curta-metragem passa por diferentes pontos, todos essencialmente importantes para a estética e linguagem que ele procura transmitir. A leitura fotográfica do curta-metragem tem como objetivo enriquecer a qualidade técnica e artística do nosso produto.

Cada história do roteiro foi abordada de uma forma pela direção de fotografia, conforme segue abaixo:

Homossexualidade e Religião: enquanto as cenas apresentadas são no tempo presente, a iluminação está toda equilibrada, em harmonia, as cores são visualmente berrantes e marcantes. Há o predomínio da luz difusa, ou seja, sem a marcação de sombras. Este tipo de fotografia foi escolhido por se tratar de momentos de alegria, superação, satisfação e orgulho. Quando as cenas são memórias do passado amargo, sofrido e preconceituoso utilizaremos basicamente a luz dura, para trabalhar a força da dramatização que envolve a questão apresentada, de modo intensificar a visualização dos conflitos existentes ainda na sociedade. O posicionamento da câmera será sempre em direção ao lado escuro marcado pelo contorno da sombra.

Velório: neste caso como o presente é a parte que trás maior sofrimento, ele será tratado de forma diferente. O mapa de luz vai trabalhar com uma suavização das cores, tornando o local mais ameno, tranquilo. Haverá uma variação entre a utilização da luz dura, a difusa e a semi-difusa. Quando uma seqüência estiver no passado, que neste caso representa os momentos de

felicidade vivenciados pelos personagens, haverá uma inversão no posicionamento da câmera, em relação ao posicionamento utilizado na homossexualidade e na religião. A fotografia também vai utilizar a luz dura neste caso, porém a força da dramatização estará mais presente na valorização das ações. Portanto a câmera estará posicionada sempre para o lado claro, ressaltando o contorno da sombra.

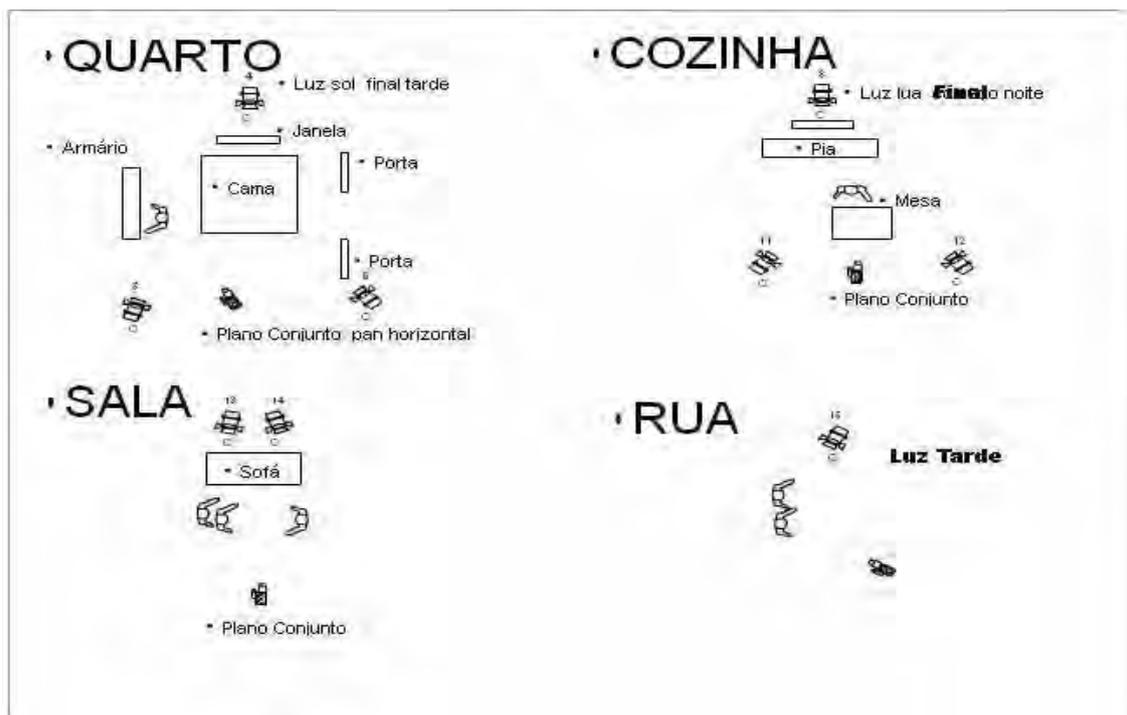
Garoto de Rua: a fotografia que será utilizada para melhor expressar esta seqüência é na perda de tonalidade em todas as cenas. As cores serão desgastadas, transmitindo as tristes e penosas condições que vivem a personagem. As cores mais escuras e frias, representando certo tom de nebulosidade, ressaltarão a luz dura em sua maior parte. No passado as sombras serão fundamentais para transmitir a frieza e dificuldade pelas quais passou o personagem principal. Também, como o personagem da seqüência cinco está presente em todas as outras, nestes momentos a imagem terá uma queda em sua tonalidade, como forma de representar os encontros que temos com as dificuldades alheias e que por todas às vezes passam despercebidos.

A utilização de filtros com cores que melhor representam as emoções pretendidas também serão de extrema importância concretizar o estilo do vídeo e, assim, atingir os objetivos do curta-metragem.

Nossas referências para a linguagem fotográfica que se pretende realizar nesta produção vão de filmes como "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" e "Danika", até séries como "Cold Case" e "Medical Detectives".

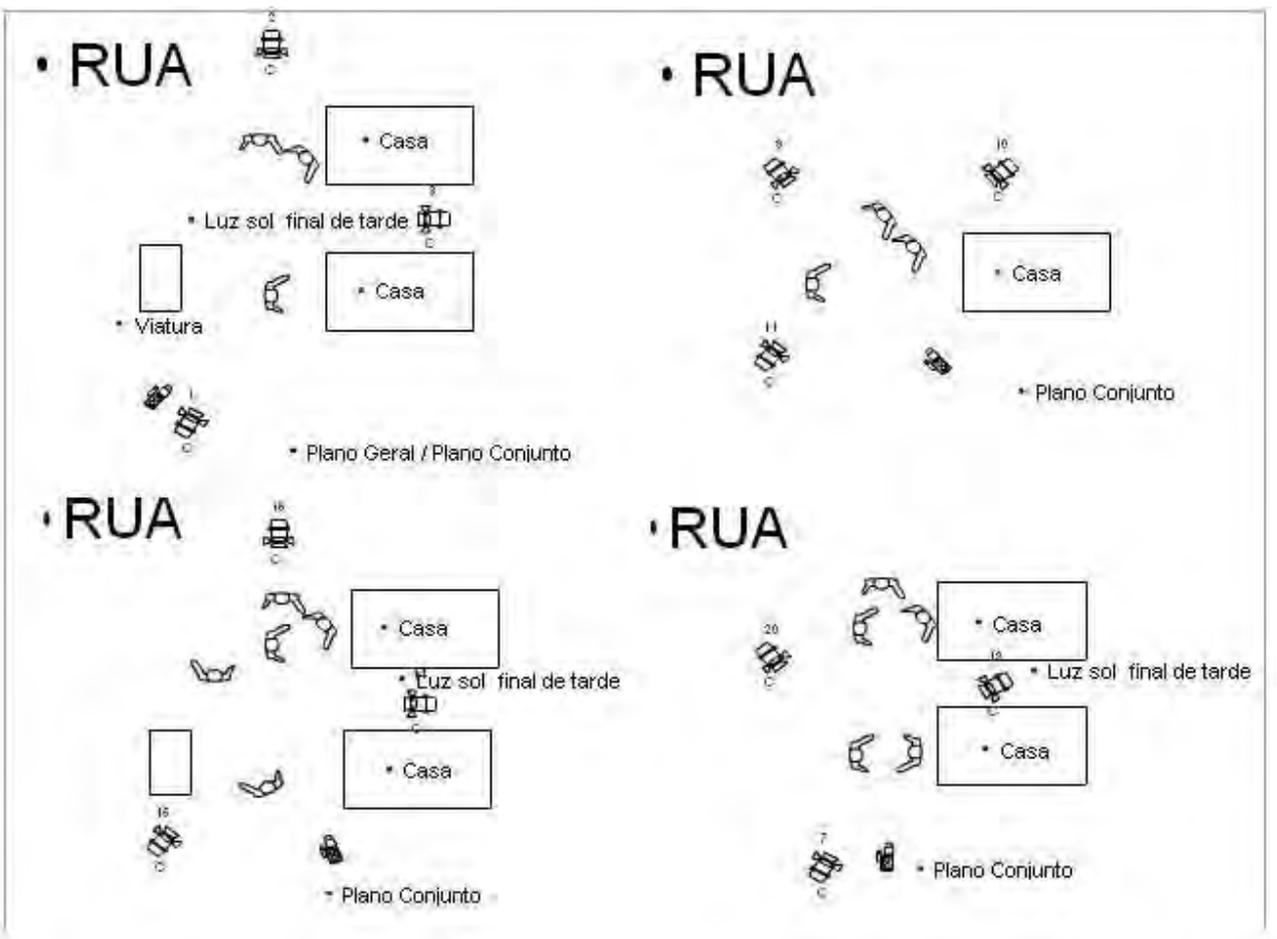
Nas próximas páginas estão descritos os mapas de luz referente a cada seqüência do curta-metragem.

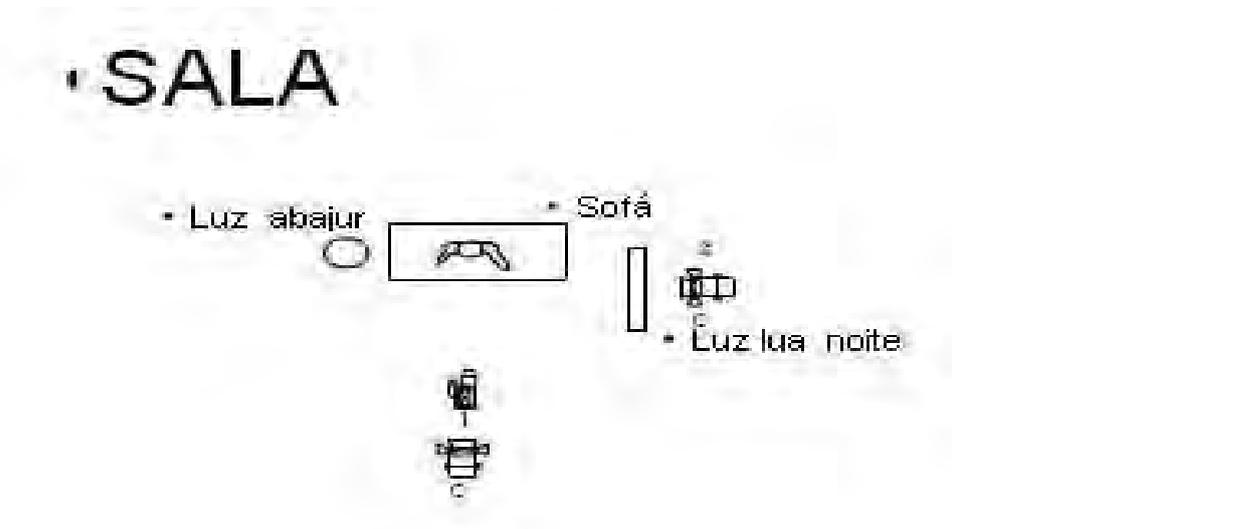
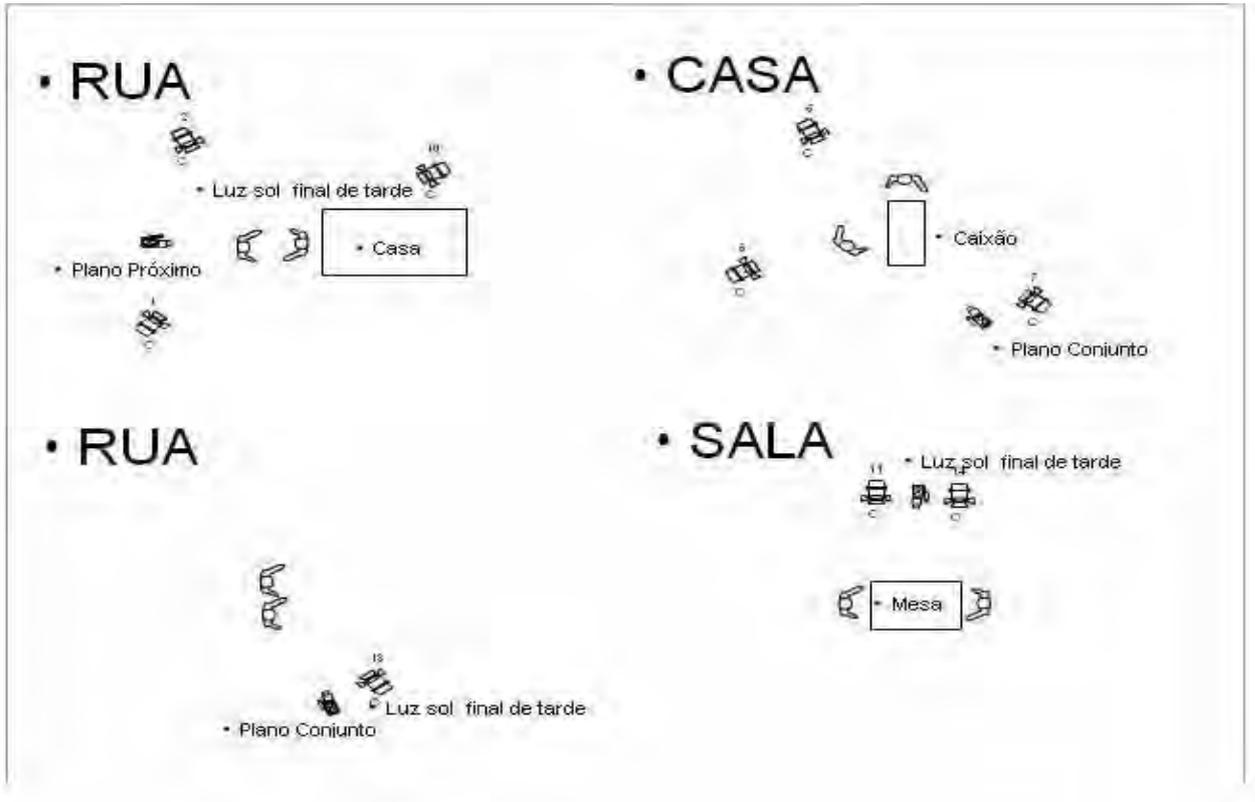
Mapa de Luz – João e Flávio



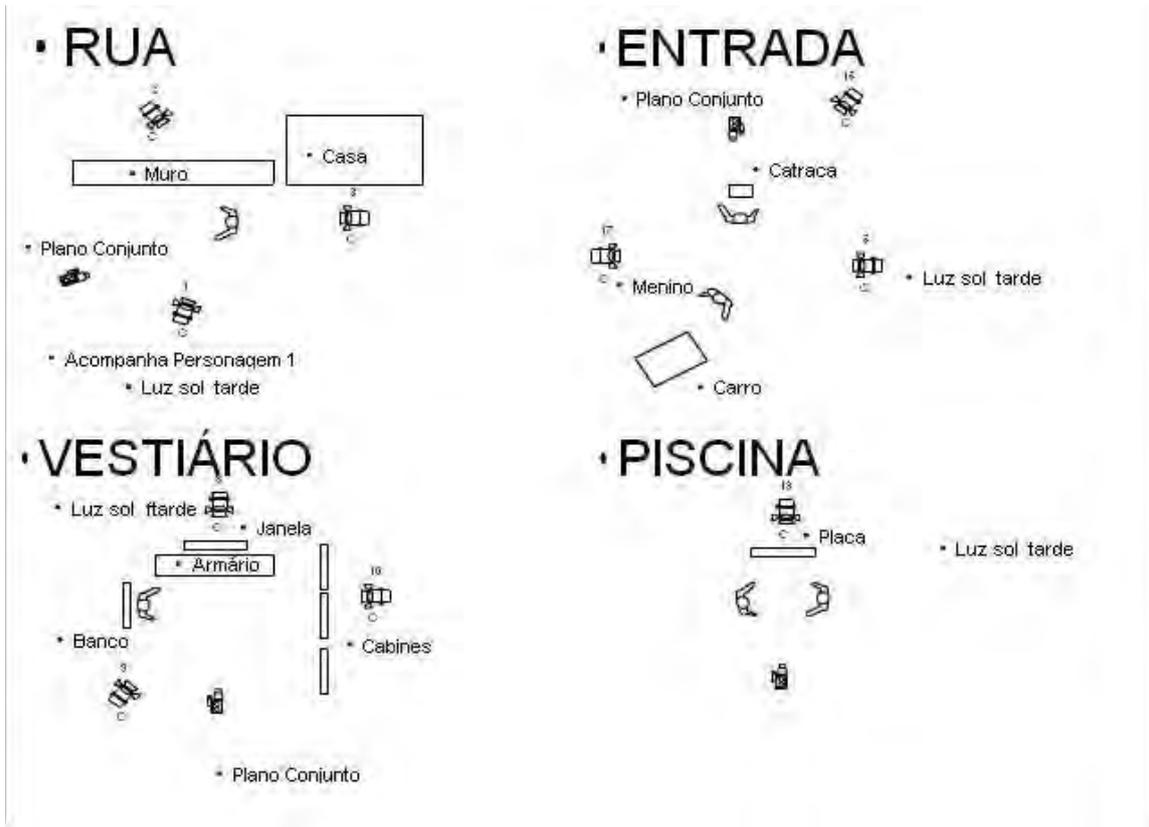


Mapa de Luz – Vera

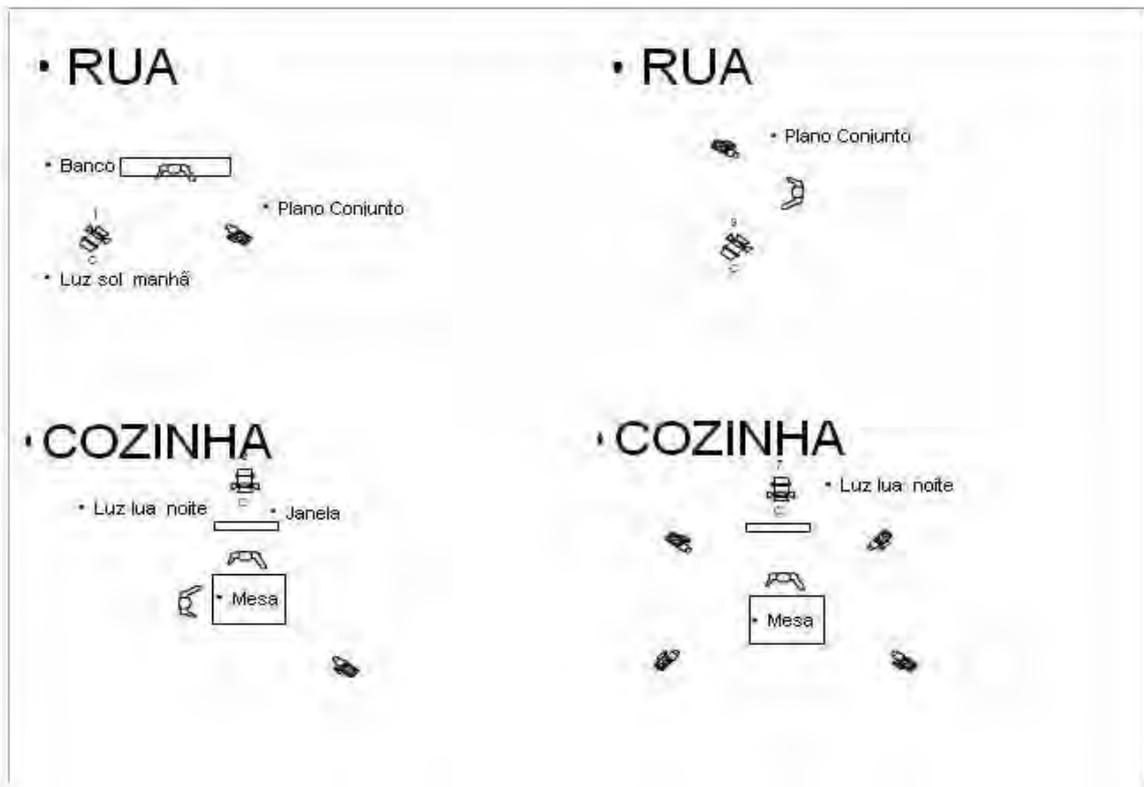




Mapa de Luz – Adara



Mapa de Luz - Menor de rua



15. Roteiro

Sinopse

“Tolerância” é um curta-metragem sobre a diversidade cultural, que defende a idéia que mesmo como espécie única, os homens são indivíduos separados pelas suas culturas. Usa o cenário brasileiro como pano de fundo para identificar-se com o público. Durante o filme, você é apresentado a costumes diferentes das tradições das famílias brasileiras, e ao final você encontra uma situação cotidiana das ruas do país, em que muitas vezes você já se acostumou, tornando-a normal como se fizesse parte de sua própria “cultura”. Este choque é a ferramenta reflexiva para uma visão preconceituosa diante hábitos tão “estranhos” a cultura brasileira, e a possível “aceitação” de uma situação comum a nossa realidade.

Este curta-metragem envolve a audiência por meio da emoção e pode ser considerado como motivador de uma discussão sobre a relatividade dos hábitos culturais.

Gênero: Docu-drama, Duração: 15 min., Roteiro Original e Direção: Murilo Alves dos Santos e Gustavo Baptistella Leite da Silva, Ano: 2009

Descrição dos Personagens

- Homossexualismo:

João: Homem negro de 30 anos, bem aparente, extrovertido, responsável, trabalhador e atlético. Formado em Administração de Empresas, atualmente administra sua própria empresa no centro da cidade. Descobriu sua sexualidade aos 16 anos, desde então enfrentou muito preconceito dentro da escola, trabalho, sociedade, e até mesmo dentro de casa. O relacionamento que tem com Flávio já dura oito anos, e para firmarem este afeto passaram por muitos obstáculos. Atualmente moram sozinhos em uma casa bem espaçosa um pouco afastada do centro.

Flávio: Homem branco de 26 anos, simpático, um pouco tímido, responsável, caseiro e muito dedicado. Atualmente estuda Psicologia, e faz estágio meio período em uma clínica localizada nas proximidades de sua residência. Descobriu sua sexualidade já quando garoto, não teve aceitação dos pais, foi praticamente criado pela tia que morava nos fundos da casa. Sempre lidou de cabeça erguida contra o preconceito, no momento tem um relacionamento estável com João.

- Velório:

Vera: Viúva de 50 anos perdeu o marido em um acidente de carro ainda com 20 anos de idade, nesta fase ela já tinha uma criança de três anos de idade deste recente relacionamento. Por enfrentar uma gravidez na adolescência, não teve apoio dos pais e foi morar com marido, este na época tinha 22 anos e morava em uma casa de fundos alugada. Após a morte dele teve que superar vários empecilhos para criar seu filho, sendo assim, eles cresceram muito apegados um ao outro, ele era tudo o que ela tinha.

- Religião:

Adara: Filha de pais Árabes que vieram para o Brasil por volta de 1930, foi criada no Brasil, porém mantiveram as práticas de sua religião, o Islamismo. Agora com 30 anos, estuda Enfermagem, trabalhando meio expediente em um hospital no centro, já adota medidas menos conservadoras em relação ao Islamismo, como o fato de não utilizar a burka período integral, mas sempre que possível a usa como forma de afirmação de sua identidade, quando vai a clubes aquáticos prefere ainda utilizar do “burkini” (burka + biquíni), mas não abre mão do Icharb, um lenço que deixa só o rosto à mostra.

- Garoto de rua:

Thiago: Garoto de apenas 10 anos, foi criado em meio a uma família tumultuada, ex-morador de uma favela da cidade, depois que o irmão de 15 morreu envolvido com o tráfico de drogas, não agüentou mais aos maus tratos que recebia do pai alcoólatra, a mãe que era doente nada fazia contra as agressões, resolveu fugir. Desde então mora na rua, se virando sempre de um jeito, malabares, pedindo, olhando carros ou até mesmo furtando.

ABERTURA:

SEQUÊNCIA 1: Tela preta

Um rosto mestiço aparece na tela

TEXTO. CITAÇÃO.

*"Assim como a cultura nos modelou como espécie única,
assim também ela nos modela como indivíduos separados."*
Clifford James Geertz.

Deste rosto saem outras faces, sendo uma de um negro, um asiático, uma mulher e um branco, ficando quatro faces na tela

TEXTO. TÍTULO

"TOLERÂNCIA"

HOMOSSEXUALISMO: (João e Flávio)

SEQUÊNCIA 2: RUA

CENA 1: EXT. RUA. NOITE

João, um homem de meia idade, bem sucedido, retorna a casa depois de um dia de trabalho, aparentando cansaço, mas feliz por estar chegando a sua casa. Ao estar próximo de sua residência, quase tromba em um menino de rua, mas consegue desviar e continua seu trajeto.

CENA 2: INT. SALA. NOITE.

Ao entrar em sua casa, deixa a valise em uma poltrona e segue para a cozinha.

CENA 3: INT. COZINHA. NOITE.

No cômodo encontra-se com Flávio preparando o jantar, ele o cumprimenta satisfeito com um beijo na boca, e dirige-se ao quarto. Flávio aparenta-se satisfeito e feliz.

CENA 4: INT. QUARTO. NOITE.

No quarto, João tira sua roupa, pega alguns itens no armário e segue em direção ao banheiro para tomar banho.

CENA 5: INT. BANHEIRO. NOITE.

João no banho enquanto se lava vem em sua mente lembranças da difícil aceitação das pessoas para com seu relacionamento. Muitas brigas se travaram tanto com familiares como com desconhecidos, muitos olhares de reprovação os condenavam.

CENA 6: INT. SALA JANTAR. NOITE.

Enquanto João toma banho, seu companheiro arruma a mesa de jantar, por todo o momento Flávio mantém um sorriso.

CENA 7: INT. QUARTO. NOITE.

De banho tomado João pega seu pijama o veste e senta-se na cama.

CENA 8: INT. SALA DE JANTAR. NOITE

Junto com Flávio passa a saborear o jantar. Enquanto fazem a oração de olhos fechados. João de olhos entre abertos olha

para seu parceiro e dá um leve sorriso de alegria. Em um ambiente alegre e descontraído jantam juntos.

CENA 9: INT. SALA TV. NOITE.

Após o término do jantar, Flávio coloca seu pijama e ambos vão até a sala de televisão e sentam-se para acompanhar o noticiário, como de rotina.

VELÓRIO: (Vera)

SEQUÊNCIA 3:

EXT. FRENTE DE CASA. DIA.

Policial chega a uma residência, e toca a campainha. Ao fundo estão alguns vizinhos que brincam com seu filho no quintal, estes cumprimentam o policial, que também o faz. Enquanto espera a dona da casa sair, os vizinhos ao fundo chamam sua filha para perto deles, pois há um menino de rua passando pela calçada. A dona de casa, Vera, sai e recebe a notícia da morte de seu único filho, então começa a debulhar-se em pranto nos ombros do policial.

INT. SALA DA CASA, VELÓRIO. TARDE.

Dentro da casa acontece o velório do filho de Vera, esta se encontra no canto da casa muito abatida sendo consolada pelos convidados. Durante a cerimônia estão sendo servidos aos condolentes alguns aperitivos. O padre introduz as condolências, enquanto todos prestas suas homenagens ao falecido. Vera passa todo o tempo sentada ao lado do caixão chorando. Em sua memória vêm lembranças dos dois juntos, que causam mais dor em seu sofrimento.

INT. SALA DA CASA, VELÓRIO. TARDE.

Após o término do ritual, todos se retiram da casa e vão para o funeral, amparando Vera, que praticamente não consegue caminhar sozinha dando passos curtos e pesados.

INT. SALA DA CASA. NOITE.

Por fim, sozinha na residência, ainda muito abatida com o ocorrido, a senhora desaba no sofá, não agüentando mais de tanta dor, liga a televisão para tentar se distrair, enquanto procura pegar no sono.

RELIGIÃO: (Adara)

SEQUÊNCIA 4:

EXT. RUA. TARDE

Está um dia ensolarado na cidade, Adara, uma jovem muçulmana de 25, atraente e fiel aos seus costumes religiosos, tranca a porta de casa e sai em direção ao clube em que pretende banhar-se. Após alguns minutos de caminhada, ela chega ao seu destino passa sua apresentação e entra no clube. No fundo está um menor de rua ajudando um motorista a manobrar o veículo.

INT. VESTIÁRIO. TARDE

Ela separa seu traje de banho, guarda suas coisas no lugar apropriado e segue em direção à piscina do clube.

EXT. PISCINA. TARDE

Como o dia está quente o clube está lotado, muitas famílias tiraram o dia para fugirem do calor refrescando-se no local. Muito a vontade, Adara nada e relaxa na piscina. Enquanto

relaxa Adara se lembra dos tempos em que foi barrada e vítima de protestos contra seus trajes de banho. Ao final do dia, depois de uma boa aliviada, ela segue em direção ao vestiário para buscar suas coisas e voltar para casa.

EXT. RUA. TARDE

Saindo do clube segue em direção a sua residência, passando novamente pelo garoto que agora está sentado junto na calçada esperando por algum carro para manobrá-lo. Quando chega a sua casa, vai até seu quarto e procurar descansar, antes de tomar suas tarefas domésticas.

GAROTO DE RUA:(Thiago)

SEQUÊNCIA 5:

EXT. PRAÇA. DIA.

Thiago, enrolado em sua manta, acorda em um banco de praça com o sol batendo em seu rosto. Levanta-se, dobra a manta e sai caminhando para mais um dia nas ruas, não aparenta estar abatido por viver nessas condições.

EXT. FRENTE DA PADARIA. DIA.

No caminho passa por uma padaria, para, olha a vitrine e cobiça um lanche, mas sem dinheiro continua por seu caminho. Neste momento se lembra das vezes que tinha comida em sua casa, mas infelizmente a violência do pai o fazia perder o apetite.

EXT. SEMÁFORO. TARDE.

Em um semáforo se apresenta fazendo "malabares". Por algumas vezes consegue alguns trocados e em outras é ignorado.

Enquanto espera o sinal abrir, pessoas passam por ele sem dar nenhuma satisfação ou demonstrar preocupação. Somente uma ou outra param e deixam algumas moedas para Thiago.

INT. PADARIA. NOITE.

Com o dinheiro arrecadado, Thiago volta à padaria e compra o lanche. Esfomeado ali mesmo devora o lanche enquanto assiste ao noticiário.

TEXTO. CITAÇÃO.

"Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que os outros."
Heródoto.

Na tela o nome Heródoto vai se apagando, e na frase o ponto final desaparece entrando um ponto de interrogação.

"Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que os outros?"

CRÉDITOS.

(ENQUANTO IMAGENS DO GAROTO SÃO EXIBIDAS)

16. Roteiro Decupado

ABERTURA.

SEQUÊNCIA 1.

Um rosto mestiço aparece na tela (Imagem televisa)

TEXTO. CITAÇÃO.

*"Assim como a cultura nos modelou como espécie única,
assim também ela nos modela como indivíduos separados."*
Clifford James Geertz.

Deste rosto saem outras faces, sendo uma de um negro, um asiático, uma mulher e um branco, ficando quatro faces na tela (imagem televisiva)

TEXTO - TÍTULO.

"TOLERÂNCIA"

HOMOSSEXUALISMO:

SEQUÊNCIA 2:

CENA 1: EXT. RUA. NOITE

PLANO 1 - PRÓXIMO: João, pouco cansado, caminha pela rua. Assusta-se.

PLANO 2 - CONJUNTO: João desvia-se de seu caminho, pois quase tromba com um menino morador de rua. Continuando seus caminhos, o menino sai de quadro e João entra pela porta de sua casa.

CENA 2: INT. SALA. NOITE.

PLANO 1 - AMERICANO: João, segurando valise, fecha a porta do lado de dentro da sua casa.

PLANO 2 - CLOSE: Ele coloca a valise sobre uma poltrona e segue seu caminho.

CENA 3: INT. COZINHA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Cumprimenta com um selinho Flávio, que prepara o jantar, e sai por outra porta.

PLANO 2 - CLOSE: Flávio satisfeito.

CENA 4: INT. QUARTO. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: PAN HORIZONTAL acompanha João entrando no quarto e caminhando até sentar-se a cama.

PLANO 2 - DETALHE: Sapatos e meias sendo retiradas.

PLANO 3 - DETALHE: Camisa sendo retirada.

PLANO 4 - CONJUNTO: João, só de calças, pega uma toalha no armário e sai para banheiro.

CENA 5: INT. COZINHA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Flávio arruma a mesa do jantar.

CENA 6: INT. BANHEIRO. NOITE.

PLANO 1 - MÉDIO: João no chuveiro

Cena 7: INT. COZINHA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Flávio arruma a mesa.

PLANO 2 - CLOSE: Flávio feliz.

Cena 8: INT. BANHEIRO. NOITE.

PLANO 1 - DETALHE: João abrindo o registro do chuveiro

PLANO 2 - CLOSE: Água caindo sobre a câmera

CENA 9: FLASH BACK. INT. SALA. DIA

PLANO 1 - CONJUNTO: Discussão entre João e um senhor (pai de seu companheiro), Flávio está atrás de João.

PLANO 2 - CLOSE: João discutindo (Leitura labial - Mas eu o amo!)

PLANO 3 - CLOSE: Senhor balança a cabeça

PLANO 4 - CONJUNTO: Continua a discussão

PLANO 5 - CLOSE: Flávio triste, chorando. (Leitura labial: Por quê? Por quê?).

CENA 10: FLASH BACK. EXT. RUA. DIA.

PLANO 1 - CONJUNTO: Os dois andando juntos enquanto pessoas passam e olham de forma a incriminá-los

PLANO 2 - CLOSE: Olhares das pessoas

CENA 11: INT. BANHEIRO. NOITE.

PLANO 1 - DETALHE: João fechando a torneira.

PLANO 2 - MÉDIO: João com as mãos na parede

CENA 12: INT. COZINHA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Flávio terminando de arrumar a mesa.

CENA 13: INT. QUARTO. NOITE

PLANO 1 - CONJUNTO: PAN acompanha saída do banheiro até sentar na cama.

TRANSIÇÃO. FUSÃO. João senta-se a mesa, Flávio sentado a sua frente.

CENA 14: INT. COZINHA. NOITE

PLANO 1 - CONJUNTO: Eles oram

PLANO 2 - DETALHE: João, com olhos entre abertos, olha para Flávio.

PLANO 3 - CLOSE (CÂMERA SUBJETIVA JOÃO): Flávio satisfeito.

PLANO 4 - DETALHE: João esboça um sorriso satisfeito.

PLANO 5 - CONJUNTO: Os dois jantando, muito felizes e descontraídos

CENA 15: INT. SALA DE ESTAR. NOITE

PLANO 1 - CONJUNTO: Sentados no sofá, ele liga a TV.

VELÓRIO

SEQUÊNCIA 3.

CENA 1 - EXT. FRENTE DE CASA. DIA.

PLANO 1 - GERAL: Viatura estacionada na rua e policial indo até a porta da frente de uma residência. Vizinhos brincam ao fundo.

PLANO 2 - DETALHE: Policial toca a campainha.

PLANO 3 - CONJUNTO: Contra-plano do policial (desfocado), vizinhos (focados) cumprimentam policial, este (focado) cumprimenta os vizinhos (desfocados).

PLANO 4 - CONJUNTO: Os vizinhos chamam atenção da filha.

PLANO 5 - CONJUNTO: Policial observa um menino morador de rua passando próximo à filha dos vizinhos.

PLANO 6 - CONJUNTO: DONA DA CASA SE APRESENTA DIANTE DO POLICIAL.

PLANO 7 - PRÓXIMO: Contra-plano do policial e, à sua frente, na porta aberta revela-se a dona de casa, Vera. Policial dá à notícia, e a mulher chora no ombro do policial.

CENA 2 - EXT. FRENTE DE CASA. DIA / INT. SALA DA CASA. VELÓRIO. TARDE.

PLANO 1 - SEQUÊNCIA. TRANSIÇÃO. STEADY CAM. Câmera movimenta-se para dentro da casa mostrando entre alguns detalhes o porta retrato com foto da dona de casa e seu filho abraçados e sorrindo. Movimentação dos condolentes até chegar à Vera que está chorando ao lado do caixão (pausa de 5 segundos em Vera), por ela passa um garçom. Câmera acompanha garçom que serve duas rodas de condolentes.

PLANO 2 - CONJUNTO. PAN. Condolentes conversando, comendo e bebendo.

PLANO 3 - CLOSE: Petiscos sendo pegos pelos condolentes.

PLANO 4 - CONJUNTO: Cerimônia do velório. Um homem falando a frente do caixão.

PLANO 5 - CLOSE: Vera chorando.

PLANO 6 - CONJUNTO. ZOOM-IN: Caixão

PLANO 7 - CLOSE: Padre falando em frente ao caixão

PLANO 8 - CLOSE: Vera chorando.

PLANO 9 - CONJUNTO. ZOOM-IN: Caixão

PLANO 10 - CLOSE: Padre falando em frente ao caixão

PLANO 11 - CLOSE: Vera chorando.

PLANO 12 - CONJUNTO. ZOOM-IN: Caixão

CENA 3 - FLASH BACK. EXT. RUA. DIA

PLANO 1 - CONJUNTO: Mãe e filho, caminhando na rua, dando risadas e conversando.

PLANO 2 - CLOSE: Vera rindo

PLANO 3 - CLOSE: Filho falando com ela

CENA 4 - FLASH BACK. INT. SALA DE JANTAR. DIA

PLANO 1 - CONJUNTO: Vera sentada sozinha olhando para frente, surge seu filho com um chá, entrega a sua.

PLANO 2 - PRÓXIMO (CÂMERA SUBJETIVA_VERA): Filho conversando com a mãe

PLANO 3 - PRÓXIMO (CÂMERA SUBJETIVA_FILHO): Mãe com um olhar de muito amor - ZOOM-IN com cortes até aproximar-se de Vera

CENA 5 - INT. SALA DA CASA. VELÓRIO. TARDE.

PLANO 1 - CLOSE - TRANSIÇÃO: Vera triste, alguns segundo então ela abaixa a cabeça, o véu escurece a câmera.

PLANO 2 - CONJUNTO: Na porta, dona de casa recebe mais condolências, se despede dos últimos a se retirar e fecha a porta.

PLANO 3 - MÉDIO: Encostada de costas na porta fechada, a dona de casa suspira.

PLANO 4 - CONJUNTO: Vera desaba no sofá e liga a televisão.

RELIGIÃO

SEQUÊNCIA 4

CENA 1 - EXT. RUA. TARDE.

PLANO 1 - GERAL: PAN VERTICAL Câmera movimenta-se do Sol até a frente da casa de Adara, que fecha a porta da frente, guarda a chave na bolsa e andando sai de quadro.

PLANO 2 - CONJUNTO: Andara caminha, vestida em sua burka, cruzando com outros transeuntes que vestem roupas mais decotadas.

PLANO 3 - CONJUNTO: Ela chega ao clube. Procura e retira da bolsa sua carteirinha. Em segundo plano, um menino morador de rua orienta um motorista a estacionar o carro.

PLANO 4 - DETALHE: Ela passa a carteirinha na catraca.

PLANO 5 - CONJUNTO: Ela entra no clube passando pela catraca. Menino ao fundo.

CENA 2 - INT. VESTIÁRIO. TARDE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Adara, sentada em um banco, retira da bolsa seu "burkini" e entra em uma das cabines do vestiário para se trocar.

PLANO 2 - CONJUNTO: Ela sai vestindo seu traje de banho e carregando a outra roupa, que guarda em sua bolsa.

PLANO 3 - DETALHE: Adara guarda a bolsa no armário do clube.

CENA 3 - EXT. PISCINAS DO CLUBE. TARDE.

PLANO 1 - GERAL: Clube lotado.

PLANO 2 - CONJUNTO: Família conversando alegremente sentada sob guarda-sol.

PLANO 3 - CONJUNTO: Crianças pulando na piscina.

PLANO 4 - CONJUNTO: Adara, à vontade, nada junto aos demais.

PLANO 5 - CONJUNTO: ÂNGULO DE 90° Adara bóia na piscina. Câmera fecha close no rosto relaxado de Adara.

CENA 4 - FLASH BACK. PISCINAS DO CLUBE. TARDE.

PLANO 1 - COJUNTO: Uma mulher reclamando com Adara e apontando para uma placa.

PLANO 2 - DETALHE: Placa: "Proibido nadar de roupa"

PLANO 3 - CONJUNTO: Segurança/Salva-vidas do clube intervém na discussão enquanto curiosos se aproximam.

PLANO 4 - PRÓXIMO: Um garoto ri da discussão.

PLANO 5 - MÉDIO: Segurança conduz Adara para vestiário.

CENA 5 - EXT. PISCINAS DO CLUBE. TARDE.

PLANO 1 - CLOSE: Rosto de Adara aliviado. Câmera se afasta até mostrar em ângulo de 90° Adara boiando na piscina.

PLANO 2 - PRÓXIMO: Aurora, Sol se pondo.

PLANO 3 - GERAL: Clube quase vazio.

CENA 6 - INT. VESTIÁRIO. TARDE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Adara retira bolsa do armário.

PLANO 2 - DETALHE: Adara guarda o "burkini" na bolsa.

CENA 7 - EXT. RUA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Adara passa pela catraca, saindo do clube. Em segundo plano, menino morador de rua sentado na sarjeta.

PLANO 2 - GERAL: Frente à casa de Adara, ela entra.

CENA 8 - INT. SALA. NOITE.

PLANO 1 - CONJUNTO: Adara apóia a bolsa no sofá, senta-se ao lado e liga a televisão.

GAROTO DE RUA

SEQUENCIA 5

CENA 1 - EXT. RUA. DIA

PLANO 1 - CLOSE: Menino dormindo, sol batendo em seu rosto.

PLANO 2 - CONJUNTO: menino acordando, dobrando sua manta, arrumando suas coisas e saindo.

PLANO 3 - GERAL: Menino andando, saindo da praça.

PLANO 4 - CONJUNTO: Menino caminhando chega até a padaria.

PLANO 5 - DETALHE: Sanduíche de mortadela.

PLANO 6 - CLOSE: Rosto do menino com fome.

PLANO 7 - DETALHE: Menino esfrega mãos.

PLANO 8 - DETALHE: Olhos tristes do menino.

CENA 2 - FLASH BACK. INT. CASA. DIA.

PLANO 1 - CLOSE: Tiago feliz, sorrindo.

PLANO 2 - DETALHE: Panela de arroz quentinho sobre uma mesa simples.

PLANO 3 - CONJUNTO: A mãe de Tiago, bem magrinha por doença, serve a ele um prato de arroz e feijão. Ele e seu irmão comem felizes.

CENA 3 - FLASH BACK. INT. CASA. NOITE.

PLANO 1 - DETALHE: Copo americano pousa bruscamente contra a mesa.

PLANO 2 - CONJUNTO: Um senhor (pai de Tiago) sentado numa cadeira, barba mal feita, analisa uma garrafa de pinga vazia. Meio sonolento, a derruba no chão.

PLANO 3 - DETALHE: Garrafa quebra ao cair.

PLANO 4 - CONJUNTO: Tiago acorda assustado em seu colchão (ele não tem cama). Levanta-se e vai espiar pela porta.

PLANO 5 - CONJUNTO: Porta se abre e luz atinge o pai que nota a presença do filho e parte em sua direção.

PLANO 6 - AMERICANO: O pai do garoto esbraveja contra ele que o observa calado.

PLANO 7 - CONJUNTO: (CÂMERA SUBJETIVA_TIAGO) O pai parte pra cima do garoto e o empurra.

PLANO 8 - CONJUNTO: O garoto caído no colchão e o pai deferindo-lhe pontapés.

CENA 4 - EXT. RUA. DIA

PLANO 1 - CONJUNTO: Menino sai cabisbaixo.

PLANO 2 - GERAL: Cruzamento/semáforo movimentado.

PLANO 3 - CONJUNTO: Menino fazendo "malabares".

PLANO 4 - CLOSE: Alguém lhe entrega alguns trocados.

PLANO 5 - GERAL: Muita gente passa pelo menino fazendo "malabares".

PLANO 6 - AMERICANO: Pessoas negam dar esmola.

PLANO 7 - DETALHE: Bolas ao ar.

PLANO 8 - DETALHE: Mais alguns trocados.

PLANO 9 - CLOSE: Menino sorrindo.

CENA 5 - INT. PADARIA. NOITE

PLANO 1 - CLOSE: Padeiro entrega o lanche para o menino.

PLANO 2 - CONJUNTO: Menino paga o lanche, senta-se próximo ao balcão para comer e assiste a TV do local que esta ligada no noticiário.

PLANO 3 CONJUNTO: Padeiro e menino olhando para a TV.

TEXTO. CITAÇÃO.

"Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que os outros."

Heródoto.

Na tela o nome Heródoto vai se apagando, e na frase o ponto final desaparece entrando um ponto de interrogação.

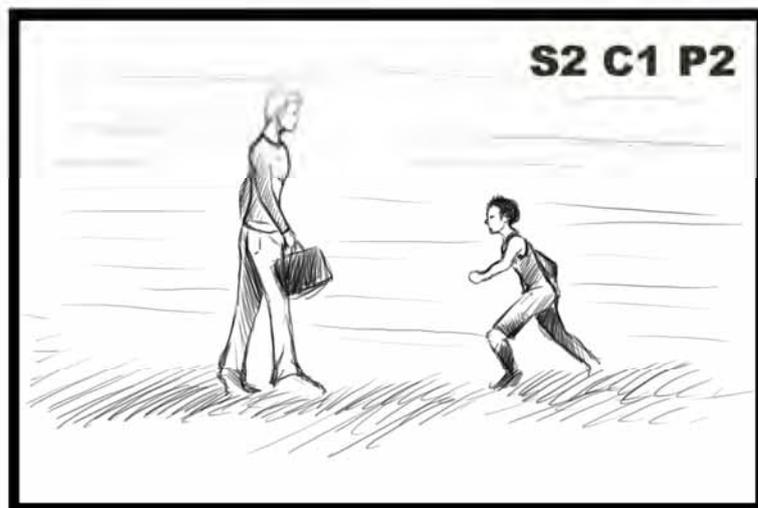
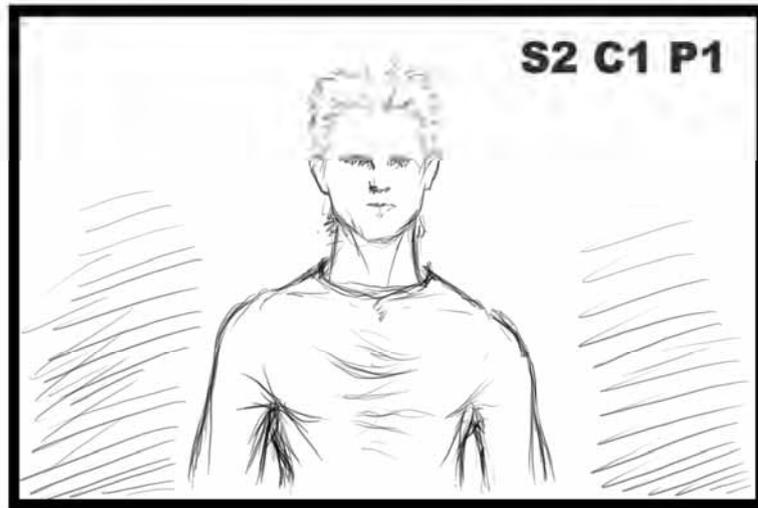
"Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que os outros?"

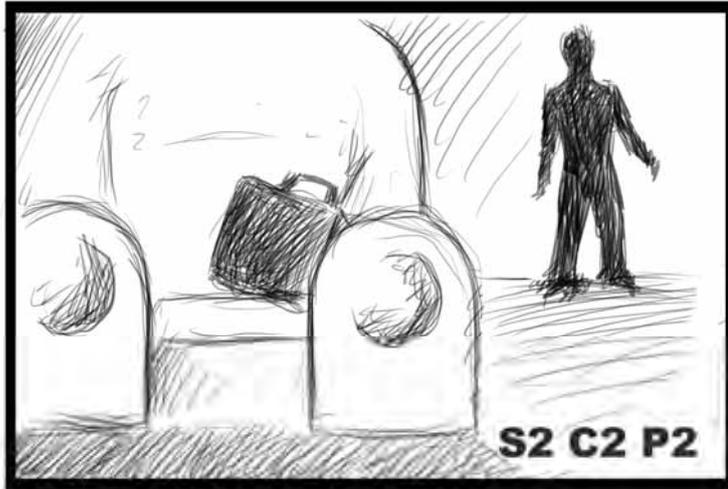
FIM

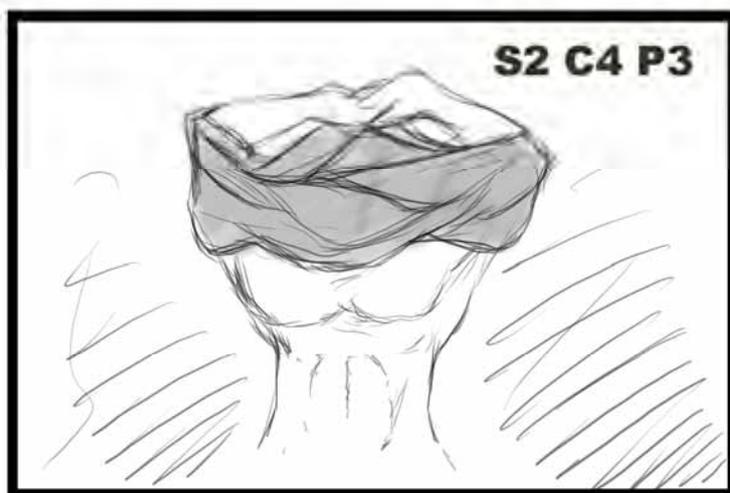
CRÉDITOS FINAIS

Com imagens do menino trabalhando nas ruas intercaladas com os planos em que ele aparece nas seqüências anteriores.

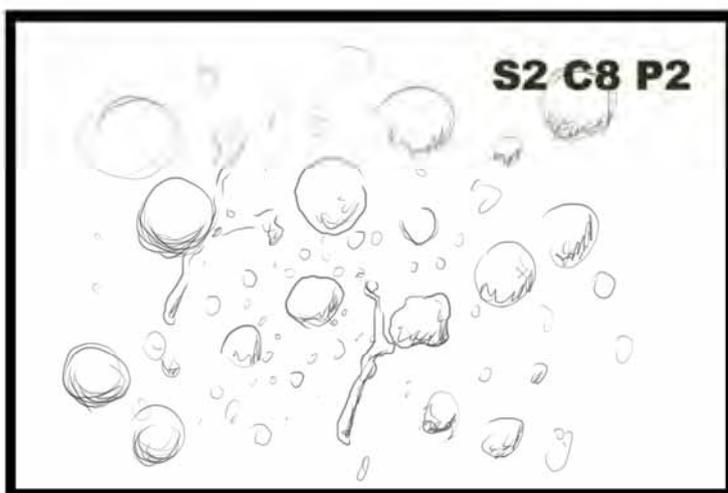
17. Story Board

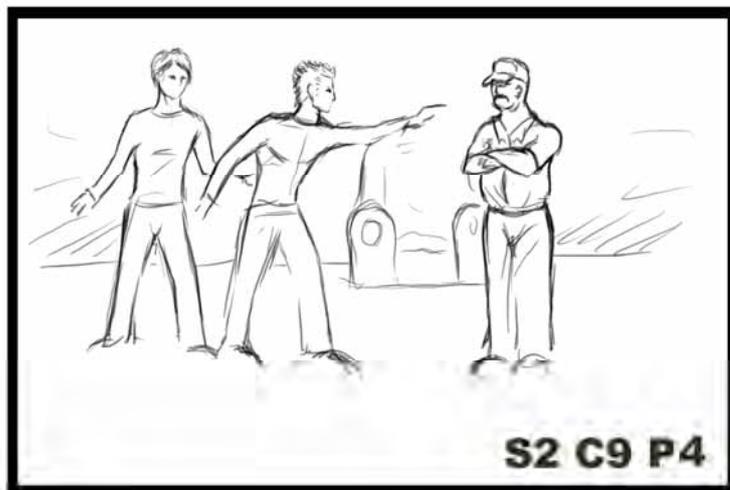
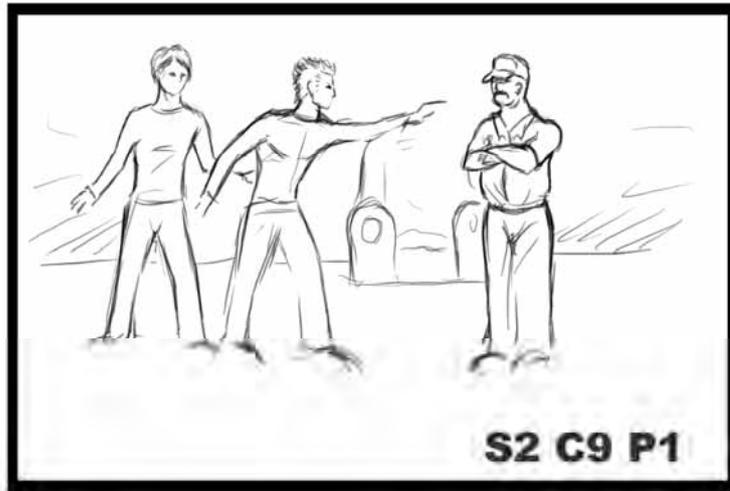


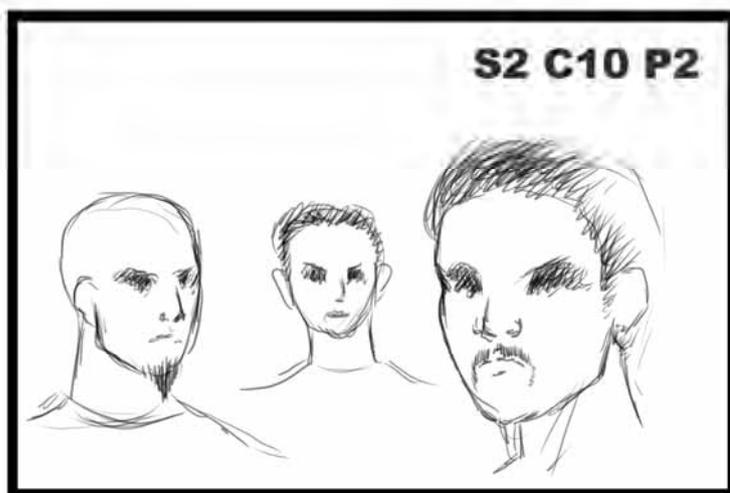
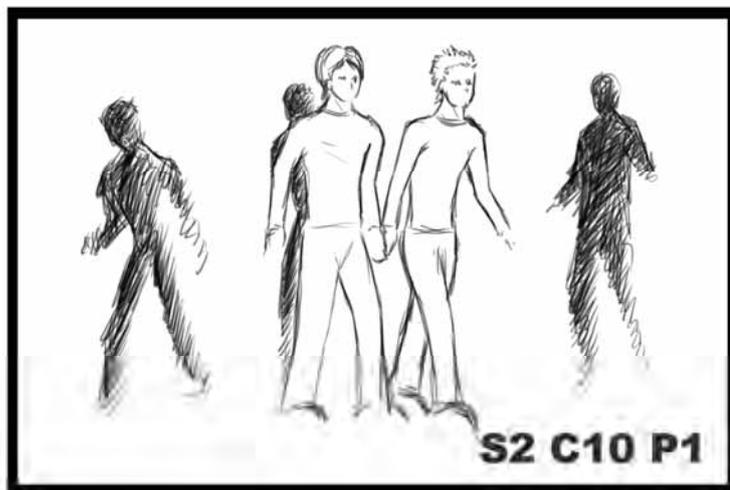
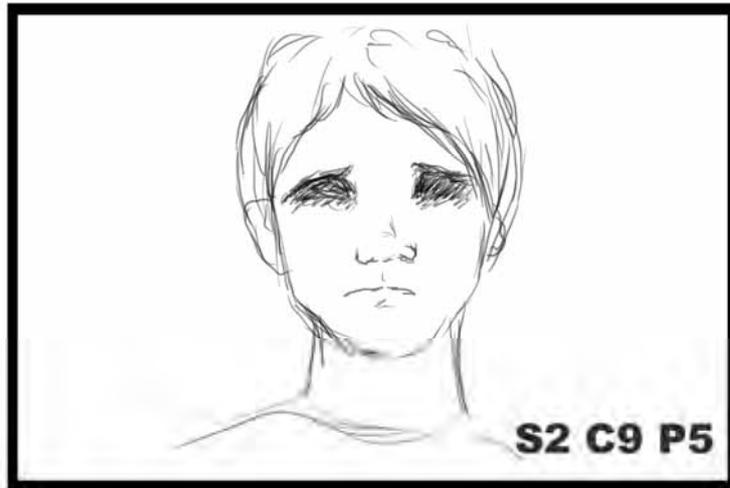


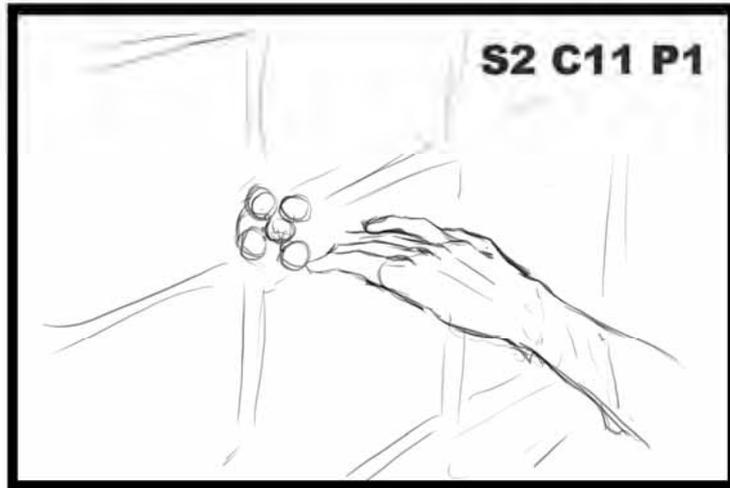


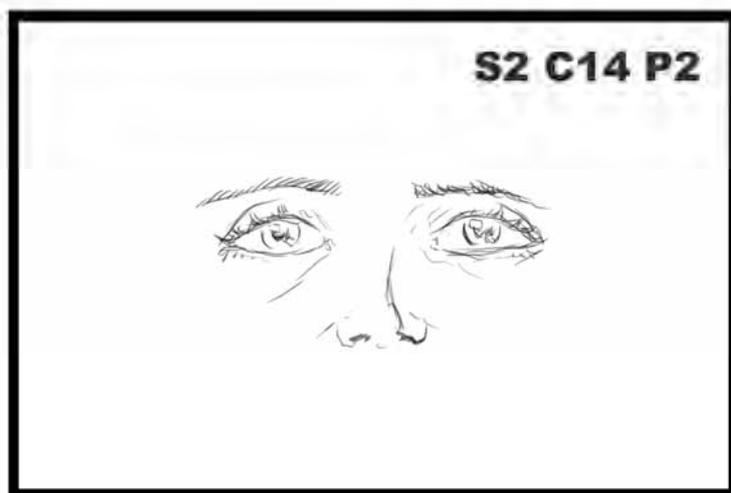
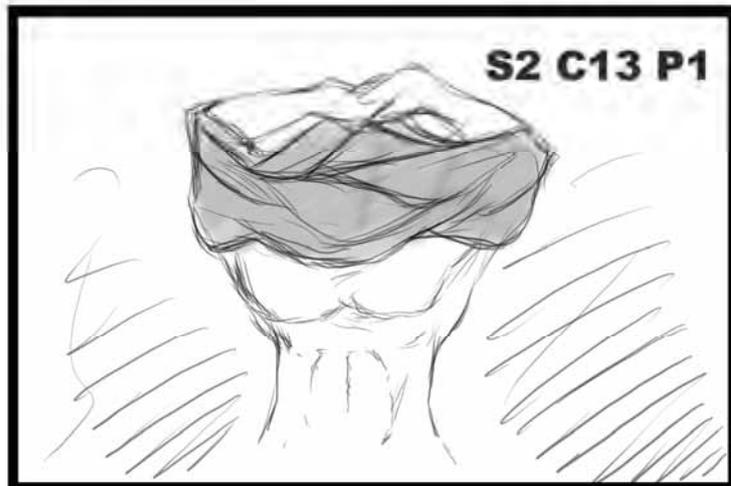




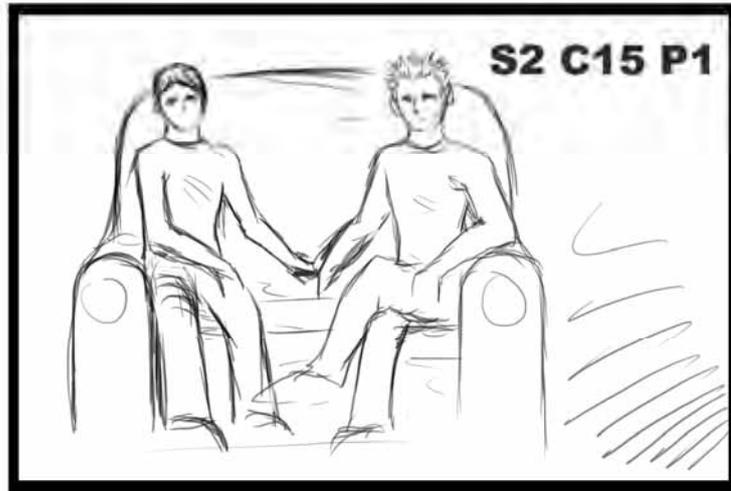


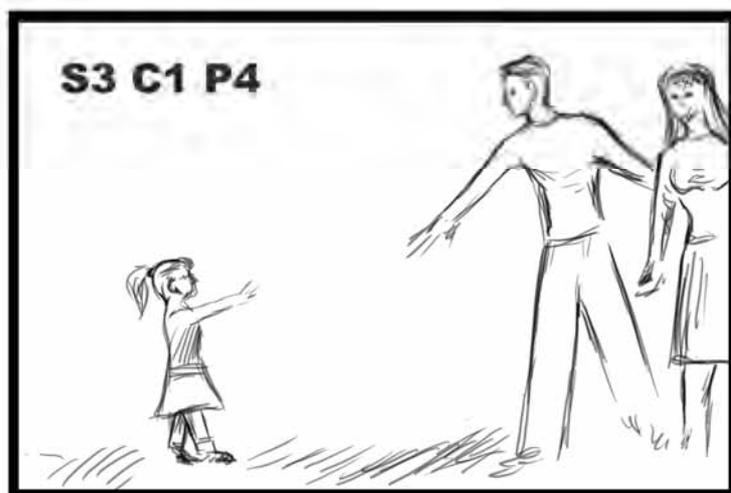
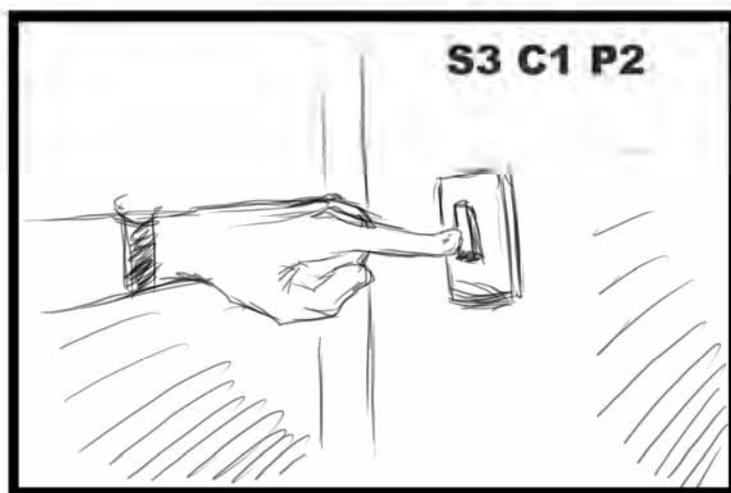




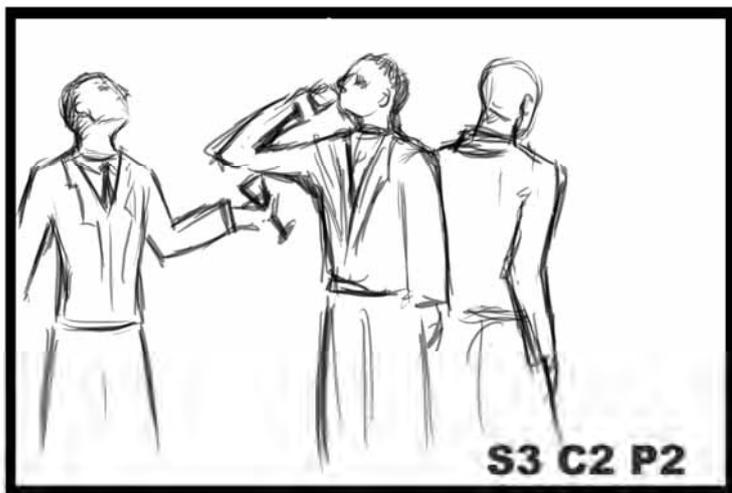
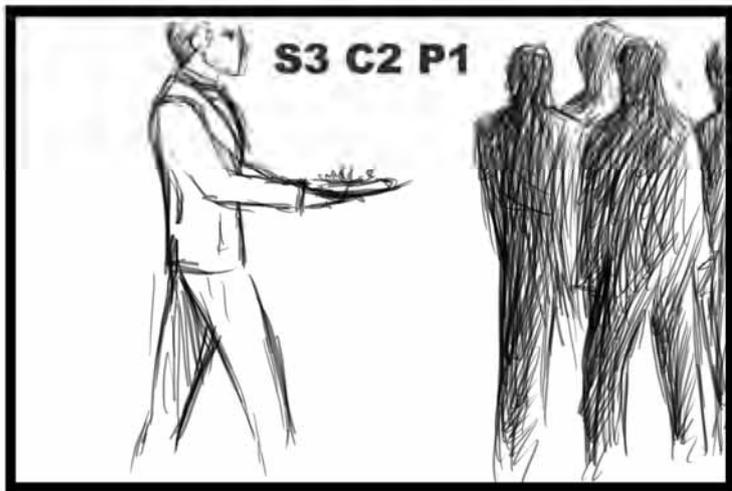


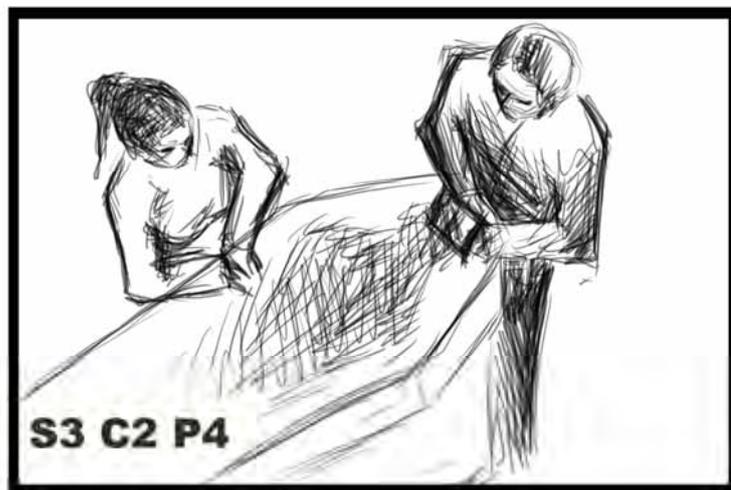
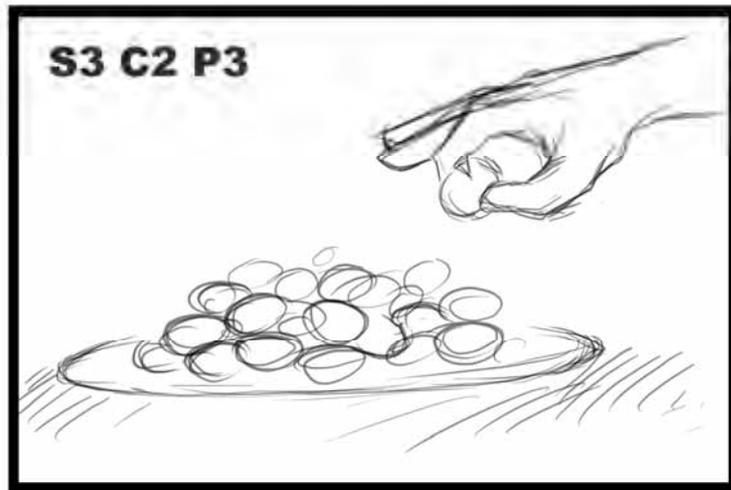




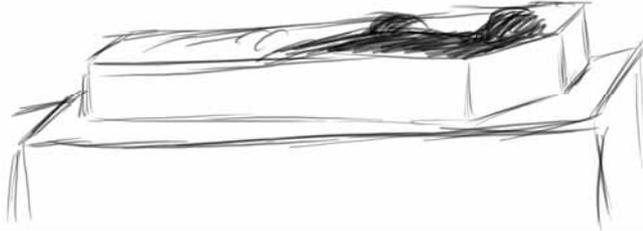








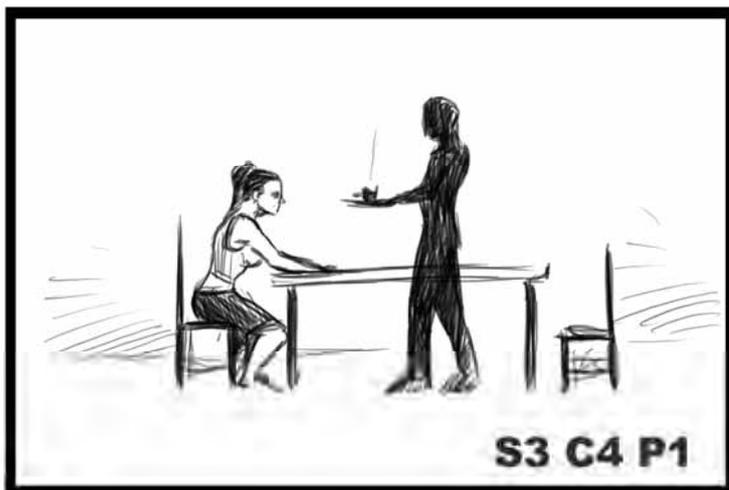
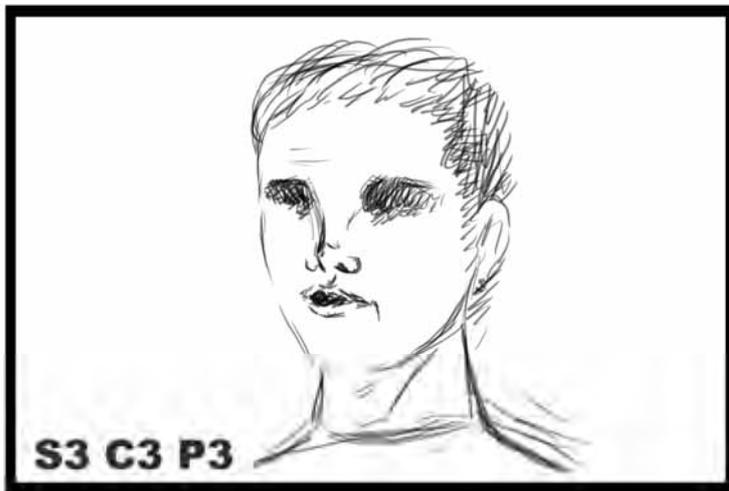
S3 C2 P6/9/12



S3-C2 P7/10



S3 C3 P1



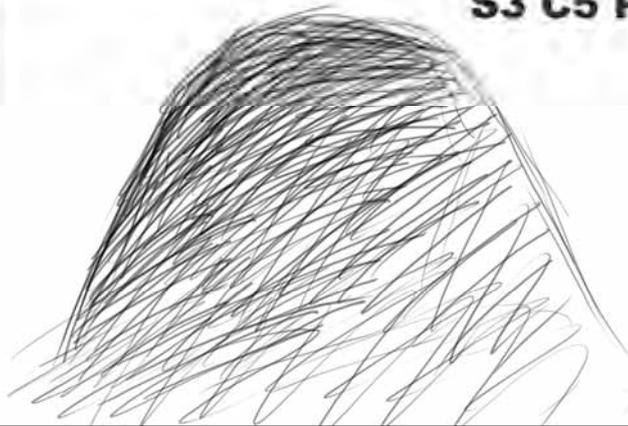
S3 C4 P2

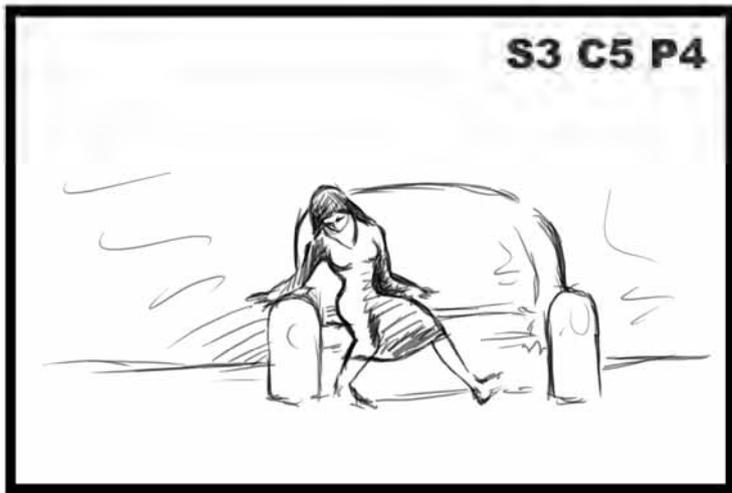


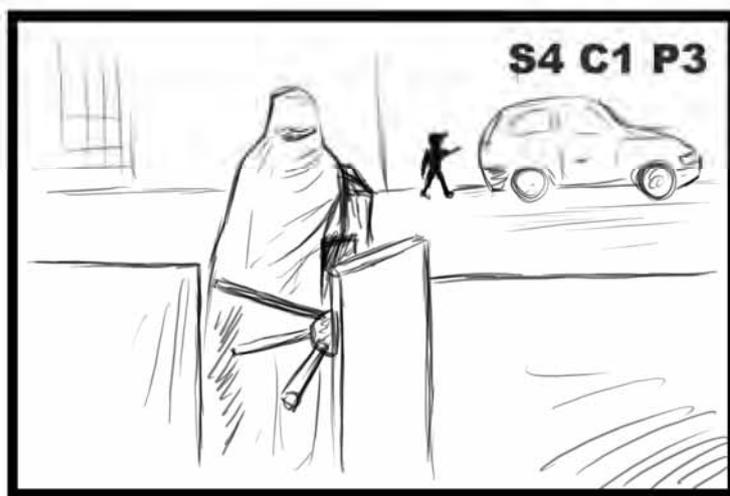
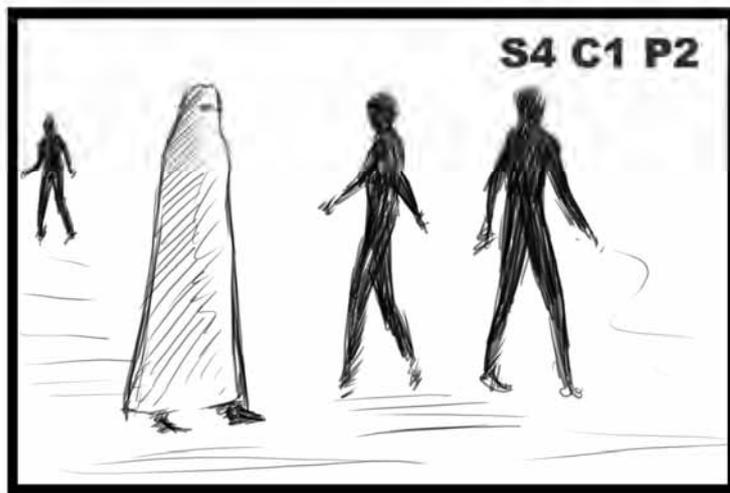
S3 C4 P3

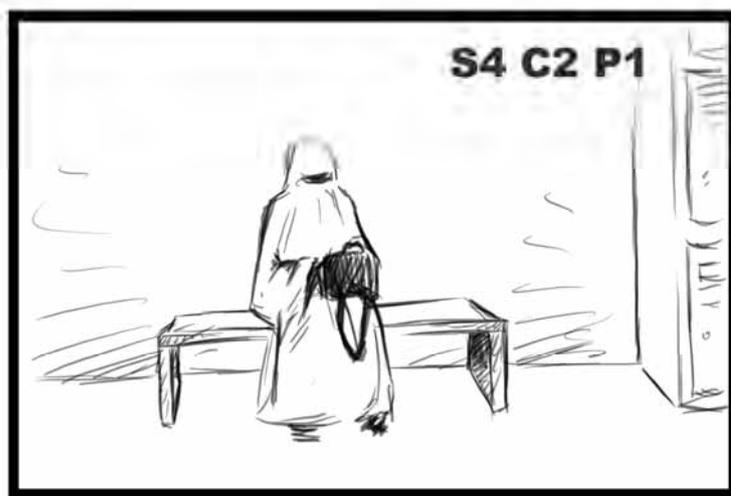
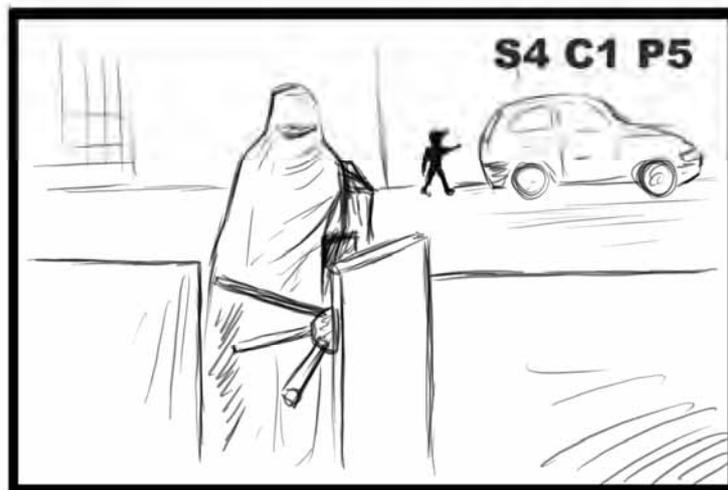


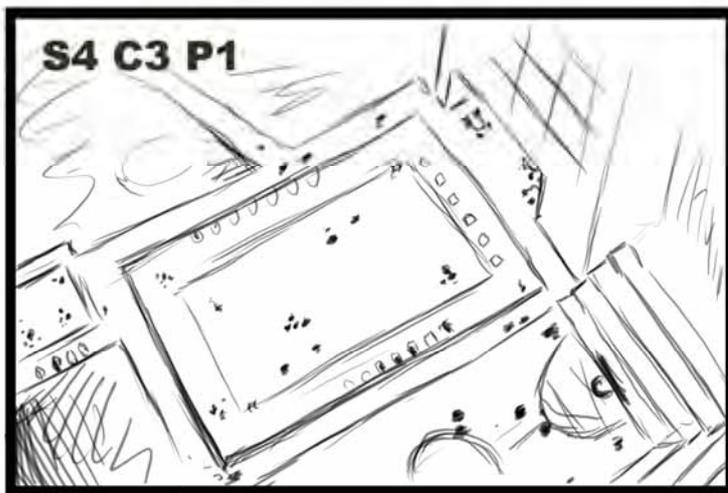
S3 C5 P1

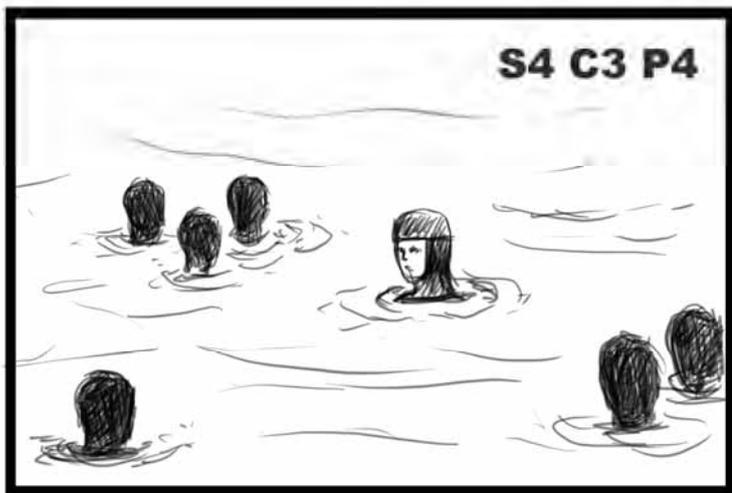


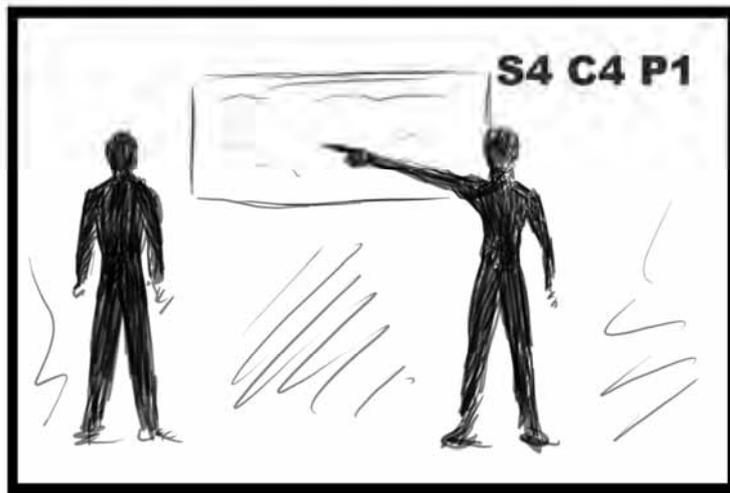
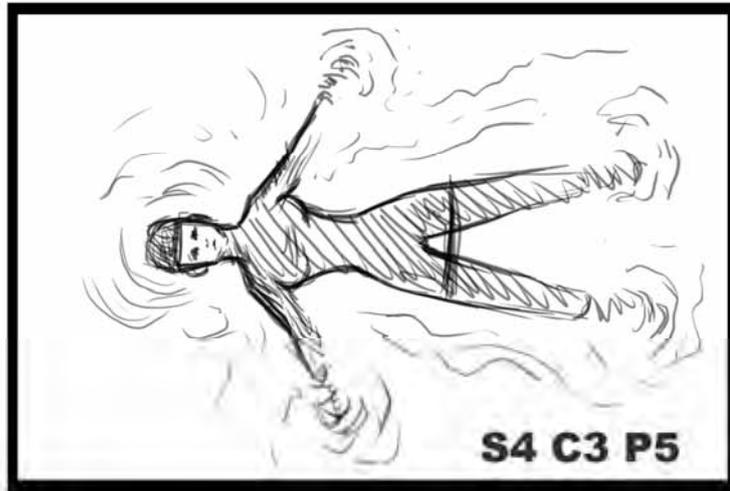


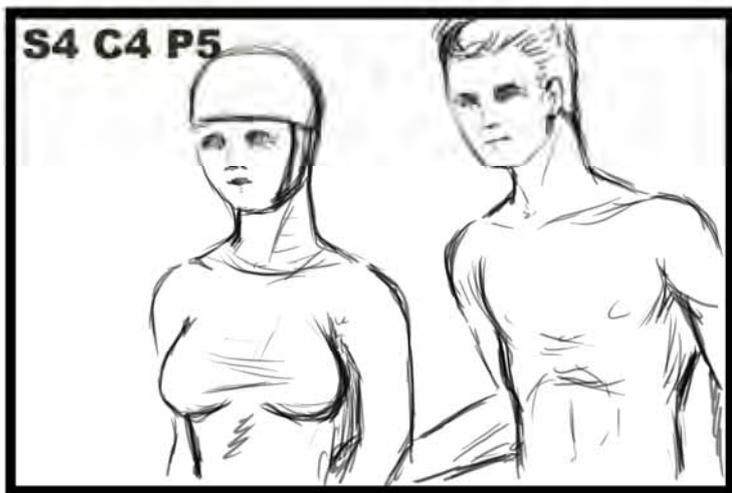
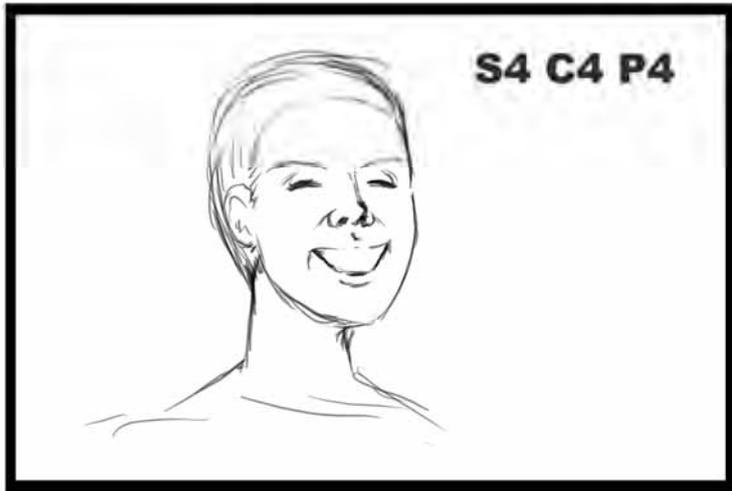
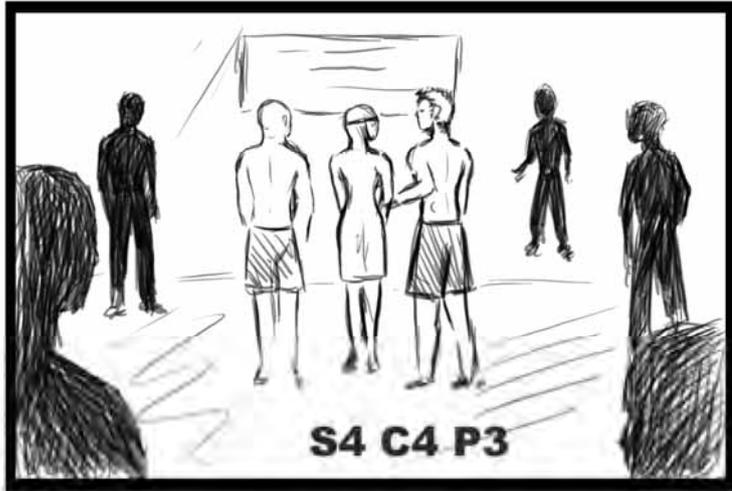


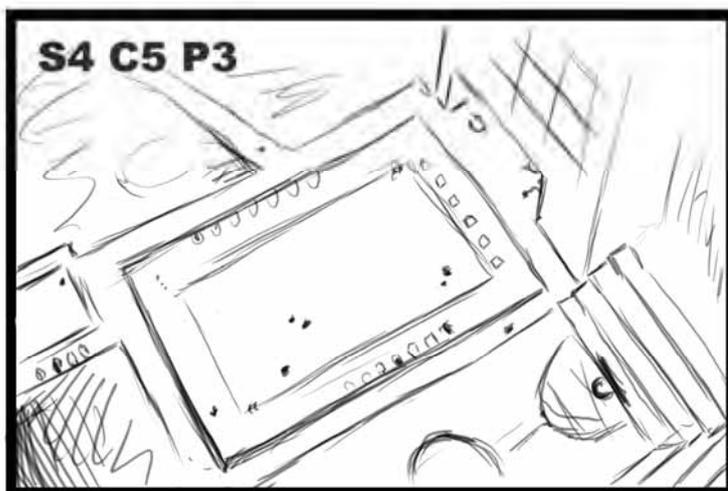
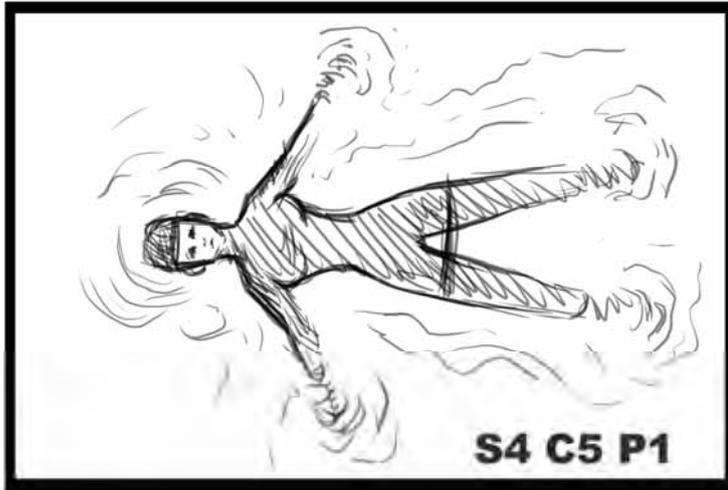


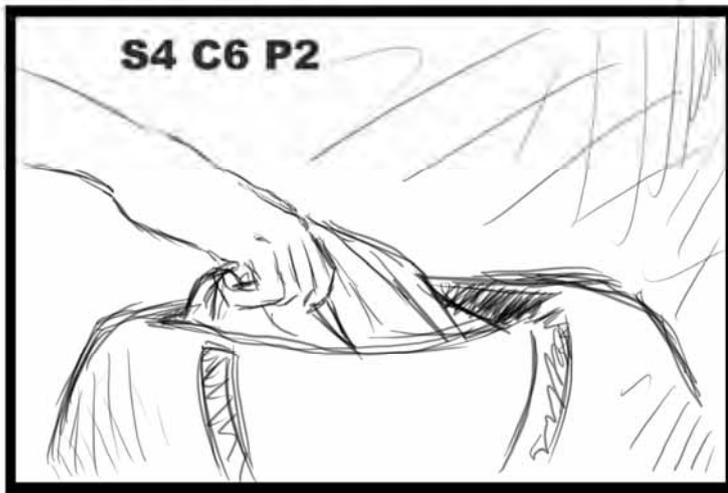














S5 C1 P1

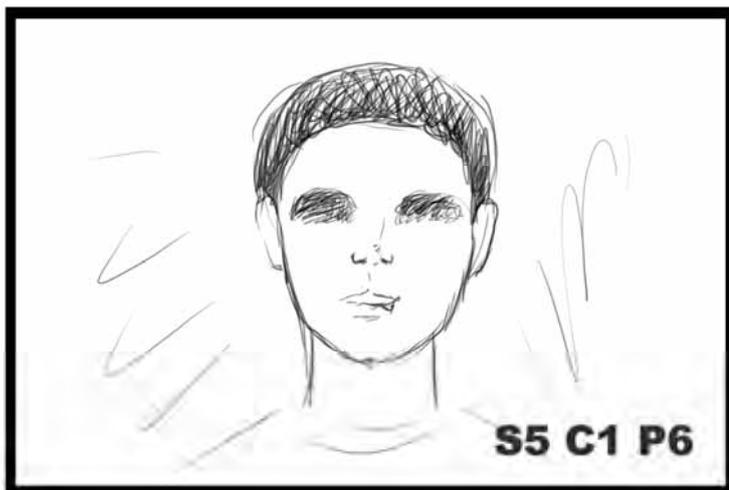
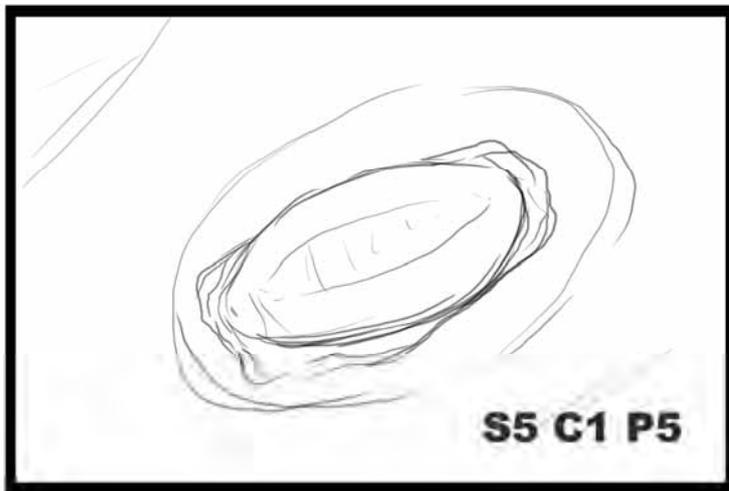


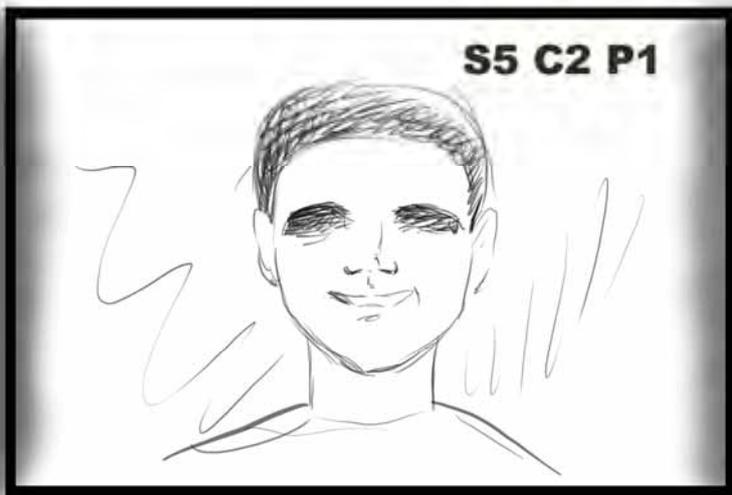
S5 C1 P2



S5 C1 P3







S5 C2 P2

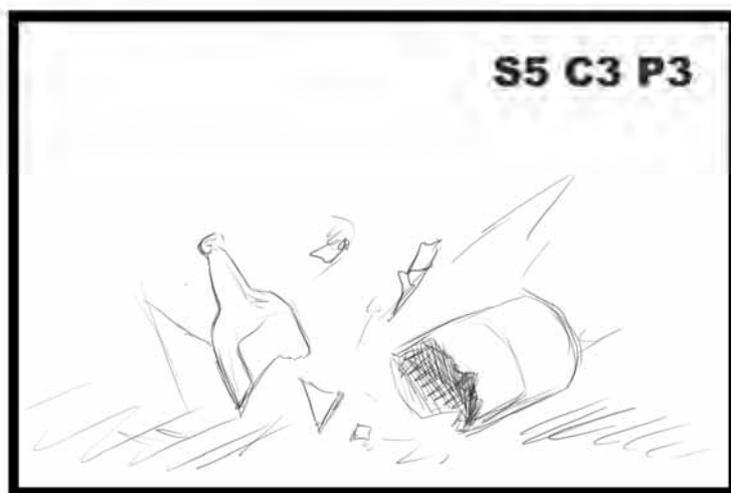
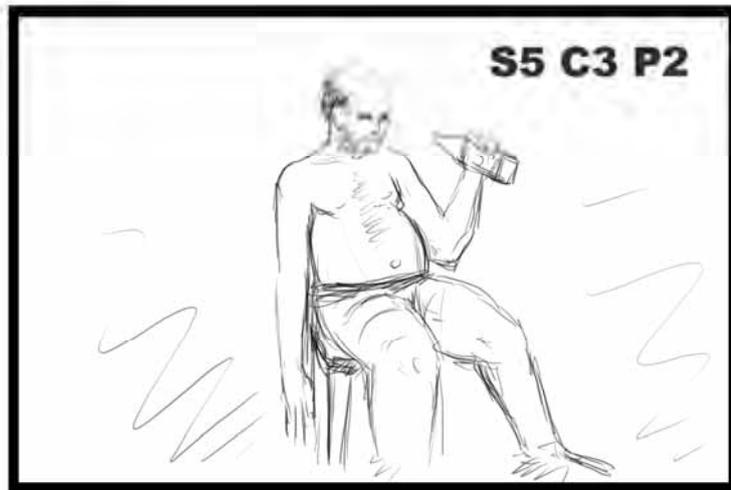


S5 C2 P3



S5 C3 P1





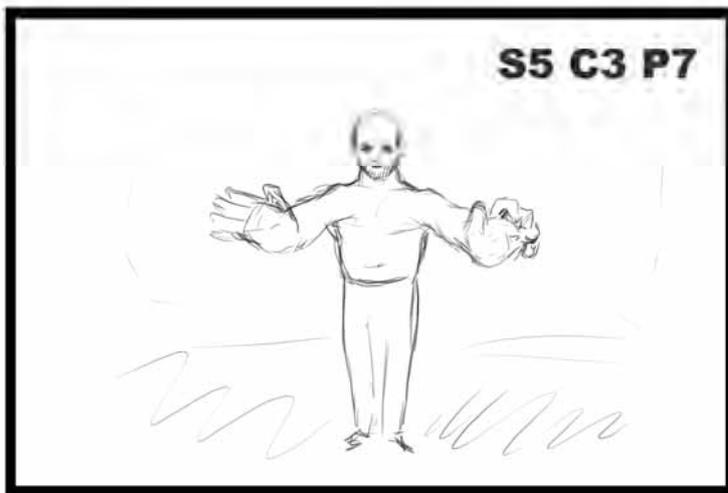
S5 C3 P5

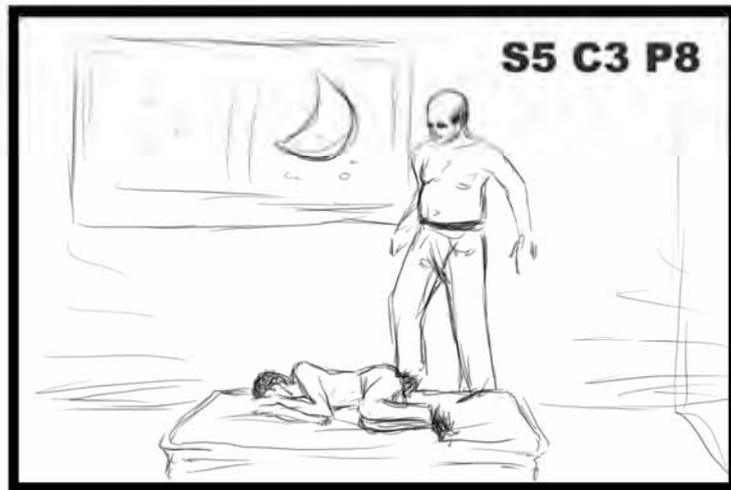


S5 C3 P6



S5 C3 P7



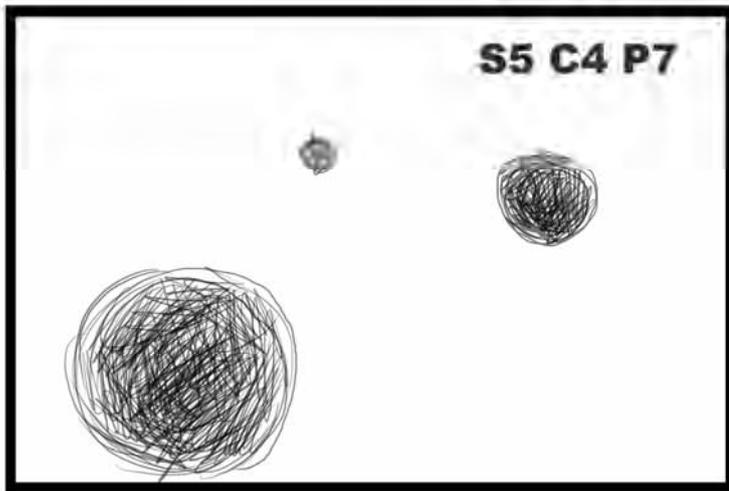




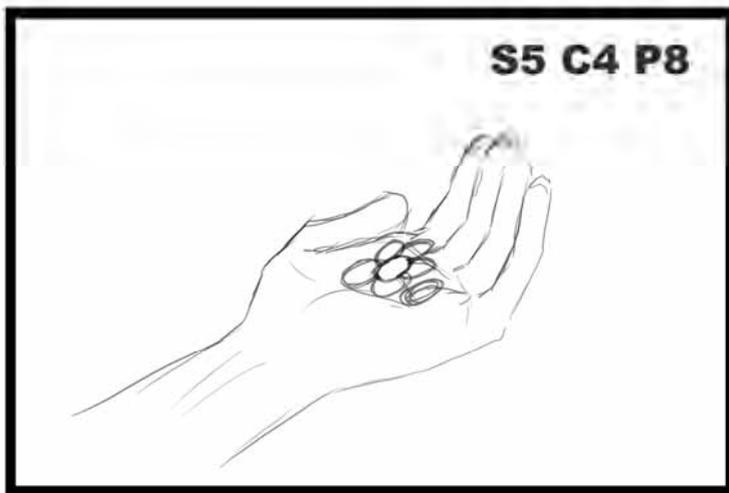
S5 C4 P6

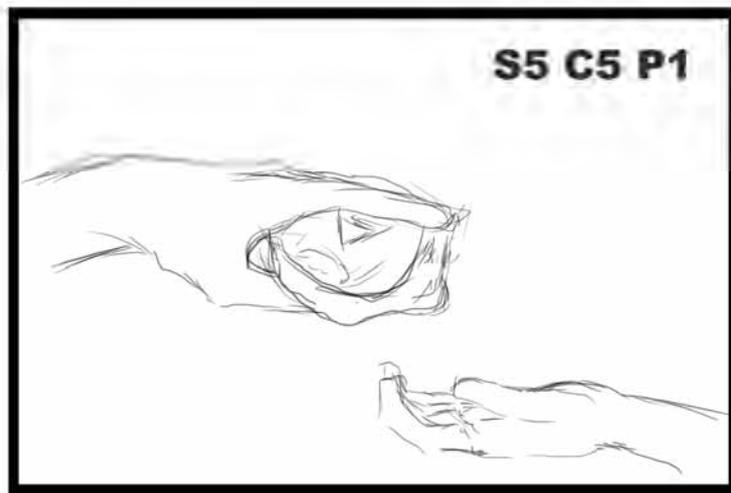
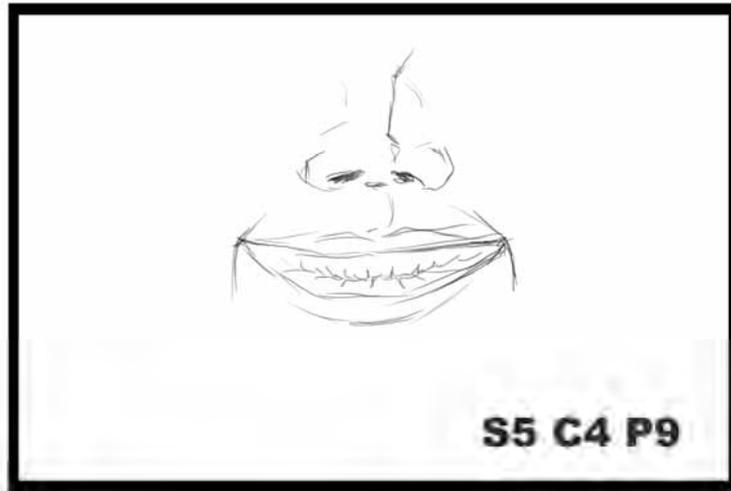


S5 C4 P7



S5 C4 P8







6/20

18. Justificativa

É inaceitável que ainda nos dias atuais o ser humano aja com repulsa diante de culturas que ele não se identifique. Pessoas são expulsas de clubes aquáticos por usarem um traje de banho incomum (burkini), outras de faculdades por usarem micro-saias (caso Uniban). São atitudes como estas que incitam violência e repressão. O preconceito existe nas mais variadas formas (racismo, fundamentalismo religioso, xenofobia, homofobia, misoginia, entre outros) e é de extrema importância que seja sempre discutido para que não passemos por momentos mais trágicos que os já vividos.

Algumas barreiras vêm sendo quebradas pela mídia, sobretudo com a televisão, o rádio, o cinema e a internet. Estes meios de comunicação de massa conseguem propagar idéias e quebrar paradigmas influenciando uma nova organização cultural.

Pensando em um projeto contemporâneo, que chame a atenção principalmente do público jovem, utilizamos uma linguagem estética e técnica atual, passagens de tempo e espaço por meio de fusões. Visuais e histórias atraentes e recentes colaboram com a narrativa usada para tornar o curta-metragem popular e de fácil compreensão, possibilitando a absorção do conteúdo por qualquer pessoa. O diferencial do produto é a ausência de diálogo, a atuação e a sonorização serão os principais eixos da dramatização do curta-metragem.

Este projeto conseguirá ampliar a discussão sobre a importância do respeito, possibilita novas formas de compreensão da variedade dos hábitos culturais, afim de uma reflexão sobre a riqueza de hábitos e costumes, e da importância das diferentes tradições culturais que envolvem o homem.

Bibliografia

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: Editora Edusc, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.), Globalização. Fatalidade ou Utopia?, Edições Afrontamento, 2001.

MELO, Luiz Gonzaga. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.

CANCLINI, Nestor Gracia. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

BURKE, Peter. Hibridismo Cultural. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

GEERTZ, Clifford. Interpretações das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 22^a ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. 2^a ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

ARIÉS, P. Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média. Lisboa: Teorema, 1989a.

_____. O homem diante da morte. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989b.

BRANDÃO, Lenise. Psicologia Hospitalar : Uma abordagem holística e fenomenológica – existencial. Campinas : Livro Pleno.

Webgrafia

UNESCO. Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, 2002. Disponível em: <http://www.diversidadeculturalbrasileira.com/declaracao_universal_sobre_diversidade_cultural.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2009.

SOMMA, Isabelle. O Véu, a Identidade e o Discurso, 2009, Disponível em: <http://www.ibeipr.com.br/artigos.php?id_artigo=122> Acesso em: 10 ago. 2009.

DAVIDSON, Fábio. Crise e sua identidade cultural, 25 out. 2005. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexao/davidson1.asp>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

AFP. Muçulmana é proibida de nadar com burkini em clube francês, 12 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.band.com.br/jornalismo/mundo/conteudo.asp?ID=164992>> Acesso em: 30 ago. 2009.

AFP. Cidade de Oslo autoriza o 'burkini' em suas piscinas, 28 ago. 2009. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/s/afp/090828/mundo/noruega_religiao_islamic_lazer_1> . Acesso em: 08 set. 2009.

ILGA. Homofobia do Estado, 2009. Disponível em: <http://www.ilga.org/statehomophobia/Homofobia_do_Estado_ILGA_2009.pdf>. Acesso em: 05 out. 2009.

R7. Homossexualismo é crime castigado com a morte em cinco países, 29 set. 2009. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/homossexualismo-e-crime-castigado-com-a-morte-em-cinco-paises-20090929.html>>. Acesso em: 08 out. 2009.

DINIZ, Lilia. Mídia, política e religião: mistura explosiva, 26 ago. 2009. Disponível em: < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=552JDB011>>. Acesso em: 10 out 2009.

DELMANTO, Renato. A imprensa é imparcial diante da Igreja?, 25 jul. 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=339JDB002>>. Acesso em: 10 out. 2009.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

PESQUISAS, Centro Apologetico Cristão de. Censo Demográfico – 2000. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/censo%20religioso.htm>>. Acesso em: 10 out. 2009.

ONLINE, Folha. Novela é ficção, chute na santa é vida real, diz executivo da Globo, 17 mar. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u382735.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2009.

NACIONAL, Jornal. Pastor da Universal chuta imagem de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VpPwWEsk0OY>>. Acesso em: 10 out. 2009.

BUCCI, Eugênio. A morte nossa de cada dia, 05 jul. 2001. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv110720016.htm>>. Acesso em: 12 out. 2009

CAMARGO, Celia Serpa de Quadros. A Morte, um estudo da vida: um guia para reflexão sobre a morte e o morrer. Disponível em: <http://www.celiacamargo.com/A_Morte_Um_Estudo_da_Vida.pdf>. Acesso em: 12 out. 2009.

MOVIMENTO. Baixada e seus Problemas. Entrevista de Dom Adriano. Disponível em: <<http://domadriano.mitrani.org.br/entrevistas/Movimento.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2009.

MACHADO, Grazielle. Número de moradores de rua no país é desconhecido, 25 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/08/24/materia.2007-08-24.1702870864/view>>. Acesso em: 12 out. 2009.

ARAUJO, Washington. A editoria que não há, 19 mai. 2009. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/imprimir.asp?cod=538CID001>>. Acesso em: 12 out. 2009.

BERABA, Marcelo. O Povo da Rua, 31 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=292voz001>>. Acesso em: 12 out. 2009.